

ARMAS DE DOMINIO

SETUBAL

Communicaçào de Affonso de Dornellas á Secção da Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes em 6 de Abril de 1922.

NA sessão passada, effectuada em 24 de Março ultimo, o sr. D. José de Pessanha leu o seguinte officio :

— Camara Municipal de Setubal. Secretaria. N.º 117. — Ex.ºº Sr. — Tendo sido destruido por um incendio nos Paços do Concelho o estandarte do Municipio de Setubal, pretende esta Camara Municipal mandar fazer um outro em sua substituição. Suscitam-se, porém, diversas duvidas sobre o brazão que no mesmo deve ser bordado. Dizem uns que as armas de Setubal são : «Um escudo azul e n'elle um castello da sua côr, tendo de cada lado uma cruz (encarnada) da Ordem de S. Thiago. O castello está sobre ondas verdes e n'ellas uma barca cercada de peixes de prata. Era encimada por uma coroa ducal que lhe foi tirada em 1759, desde o suplicio do ultimo Duque de Aveiro» (Vide Portugal Antigo e Moderno, Diccionario de Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal.) Dizem outros que : «Setubal tem por brazão um castello em campo azul sobre o mar e n'elle navega uma pequena embarcação cercada de peixes. O castello é ladeado por duas cruces de S. Thiago, porque Setubal pertenceu a esta Ordem. Hoje o brazão é completado pela corôa da cidade» (Vide Diccionario Popular, dirigido por Manuel Pinheiro Chagas). E o Sr. Alberto Pimentel na sua «Memoria sobre a Historia e Administração do Municipio de Setubal, publicada em 1879, acrescenta a informação de que ha quem diga que ao brazão «acresce uma vieira na parte superior do castello sendo, no mar, duas embarcações em vez d'uma. Desde 1860 a corôa da cidade completa o brazão.» Isto o que dizem os livros, porque nos brazões pintados que apparecem em diversas partes d'este concelho, encontram-se umas vezes uma embarcação, outras vezes duas, e até já uma vez appareceu algures um escudo tendo uma barca de veias desfraldadas, navegando em pleno mar. Mas o brazão mais frequentemente uzado e aquelle até que o proprio

Municipio está uzando é o que tem duas embarcações amarradas ao castello, conforme o exemplar que se junta. Não tem esta Camara elementos seguros para o determinar, pois mesmo alguns documentos ou livros antigos que pudessem esclarecel-a, tudo desapareceu no referido incendio. Assim, e não desejando de modo algum fazer o que não deve ser, nem portanto, alferar voluntariamente a verdade historica, resolveu consultar o Conselho da mui digna presidencia de V. Ex.ª, pedindo-lhe a fineza de lhe dar o seu auctorizado parecer sobre este assumpto, para conforme elle assim ella deliberrar. Agradecendo desde já, esta Commissão Executiva apresenta a V. Ex.ª com os protestos da sua maior consideração, os melhores desejos de Saude e Fraterdade. — Setubal 21 de Janeiro de 1922. — Ex.º Sr. Presidente do Conselho de Arte e Archeologia. — O Presidente da Commissão Executiva, (a) José Antonio de Azevedo.

O Conselho de Arte e Archeologia a quem este officio foi dirigido, encarregou o seu vogal sr. D. José Pessanha de formular um parecer que constitua resposta.

Sua Ex.ª disse que já tinha ido á Torre do Tombo e ali tinha visto umas armas de Setubal com as diferentes peças indicadas no mesmo officio e mais uma esfera armilar, portanto que esperava que a Secção de Heraldica lhe d'esse a sua opinião sobre o assumpto.

Na ocasião, disse a sua Ex.ª que de forma alguma devia ser aconselhada a Camara Municipal de Setubal a incluir a esfera armilar nas suas armas, pois tinha sido a esfera o emblema particular d'El-Rei D. Manuel I e se alguma vez foi inconscientemente incluido nas armas de Setubal, foi por aquelle Rei ter dado Foral á Cidade e terem visto na primeira pagina d'esse foral, illuminadas duas esferas acompanhando as Armas Reaes, simples e unicamente como ornamento do Foral, e não como concessão feita á Cidade de Setubal.

Disse ainda que as restantes peças que se viam nas Armas de Setubal, estavam perfeitamente justificadas necessitando apenas serem arrumadas heralδικamente, e

já que a Camara Municipal de Setubal fallava em substituir o estandarte que se tinha perdido no incendio, lembrava que seria muito interessante que a seda a empregar fosse da côr, ou das principaes côres das peças principaes das armas.

De forma alguma deviam ser empregadas no estan-



Sello de Setubal segundo este parecer

darte as côres nacionaes, pois que essas apenas deviam ser uzadas na bandeira Nacional.

O sr. D. José Pessanha disse que iria formular a sua informação n'este sentido.

*

* * *

Agora, depois d'um conhecimento mais completo com a interessantissima e colossal historia de Setubal, venho fazer umas considerações que acho necessario cheguem ao conhecimento da Camara Municipal da mesma Cidade, para que as armas a adoptar sejam de facto a representação perfeita da sua historia.

Merece-nos a nós, Associação dos Archeologos Portuguezes, uma especialissima attenção a Cidade de Setubal e os seus suburbios que em todo o sempre foram povoados e onde se encontram aos montes os vestigios mais extraordinarios das differentes civilizações que por ali tem passado.

Cetobriga, a antiga Cidade, tem dado carradas, sem exagero, de medalhas romanas, de vasos, candieiros, columnas, estatuas de marmore e de bronze primorosamente cinzeladas, sepulturas, casas com os pavimentos inteiros com inumeros objectos dentro, emfim, um manancial que em qualquer outro paiz já tinha formado um riquissimo museu.

As ruinas lá estão cobertas d'areia o que evita que se façam pesquisas e escavações, por não se poderem tirar as mesmas areias por irem açorear a barra, não se pensando no transporte d'ellas para outro sitio por ser muito dispendioso e não haver em Portugal dinheiro para estas estravagancias.

Varias tentativas se tem feito mas como infelizmente

quando se trata de trabalhar, apparece logo no horizonte a desistencia, todas as tentativas que tem havido são sempre coroadas pela referida desistencia que tem sido o principal mal d'este grande Portugal.

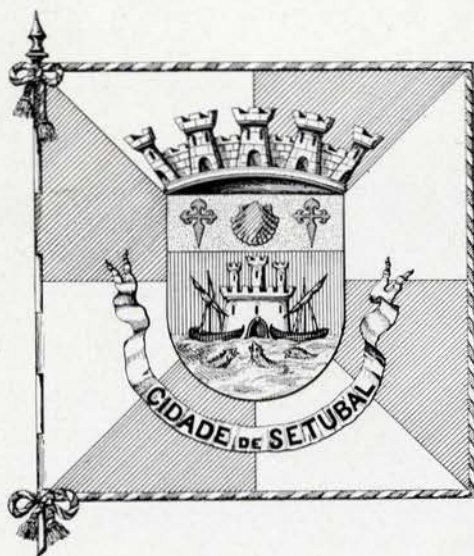
No seculo XVIII no reinado de D. Maria I, fizeram-se alli varias escavações sendo os preciosos objectos d'arte distribuidos pelos fidalgos da Côrte, portanto perdendo-se o interessante d'esse conjuncto.

Em 1814 novas escavações se fizeram, espalhando-se novos objectos até que em 9 de Novembro de 1849 se fundou em Setubal a Sociedade Archeologica Lusitana, que durante tempos desenvolveu uma util actividade chegando a pôr a descoberto dois edificios cada um com dois pavimentos, com mosaicos á entrada, com lindissimas pinturas nas paredes, conservando um tal colorido que parecia d'ocasião; mas, santo Deus, acabou-se o dinheiro e tudo voltou á mesma, restando porém d'esta vez, alguns objectos que foram constituir um pequeno museu.

Para cumulo de tudo isto, até se chegou a fundar em França em 1875, uma Sociedade Anonyma para explorar a antiga Cetobriga, comprando os restos d'esta Cidade e o proprio terreno, que para vergonha nossa, lhe foi vendido, tirando de lá objectos que acartou para França porque eram seus.

Deste vergonhoso facto não se devia falar, devia esquecer, mas para estimulo patriotico aqui fica registado.

Paremos por aqui e aguardemos que um dia haja cultura suficiente em Portugal para de vez se transportarem as areias que tapam Cetobriga, ou Troia como



Bandeira de Setubal com as cores indicadas heraldicamente

tambem se lhe chama, e se mostre ao mundo que somos civilizados.

E andamos nós, hoje, a colher pedras de ha um, dois e tres seculos, como se fossem preciosidades para

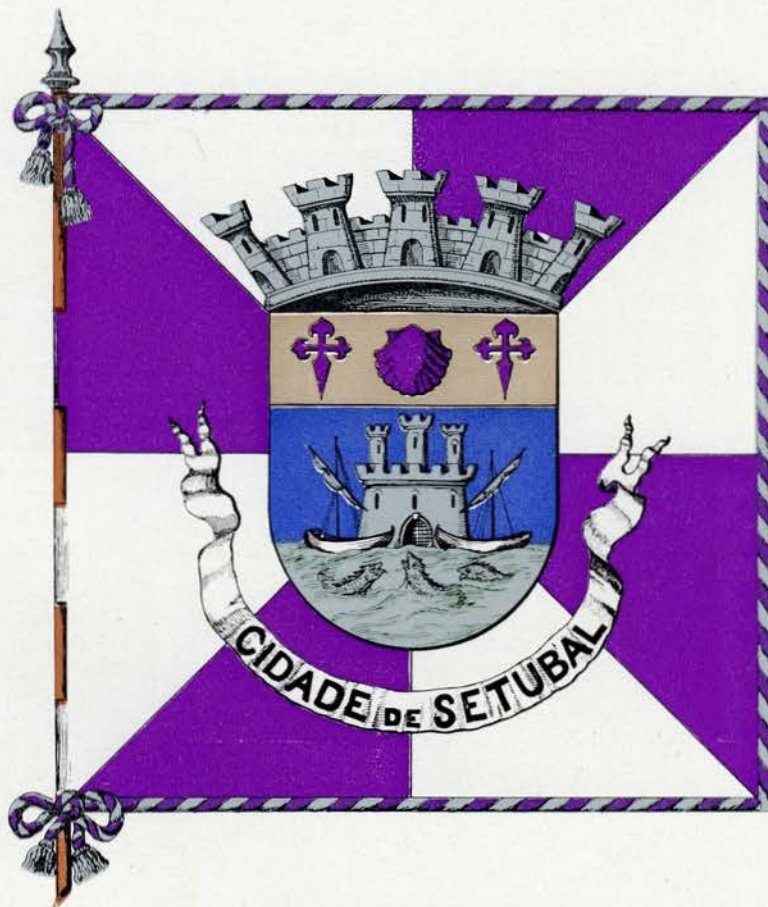
o nosso Museu, quando temos alli tão proximo, na margem de lá do Sado um Museu inexgotavel.

Morreu a preguiça cheia de sede, á beira d'um regato e é bem certo.

Na Torre do Outão, entre extraordinarias preciosidades foi encontrada uma grande estatua de Neptuno, que, oiçam bem todos os portuguezes civilisados, por ser de grandes dimensões, foi derretida para fazer artilleria para a mesma Torre.

sobre ondas, cercada de peces, castillo encima, y dos habitos de Santiago, de cuyo Maestrazzo es = Vê-se por esta descripção, que a peça principal era a barca cercada de peixes e que em chefe tinha um castello acompanhado de duas cruces de Santhiago.

No Archivo da Camara Municipal de Lisboa, onde existe um processo com elementos sobre a heraldica Municipal encontrei, do anno de 1855, o seguinte officio :



Bandeira e armas da Cidade de Setubal

Os Setubalenses não tem a menor culpa de taes casos, a culpa tem sido dos dirigentes da instrucção e da cultura.

Vamos ás Armas de Setubal.

Consultando o que ha de principal sobre o assumpto temos: Rodrigo Mendes da Silva que na sua obra «Poblacion General de España seus trofeos, blasones», etc., Madrid, 1645, sobre Setubal diz = en escudo una barca

Setubal. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Acuso a recepção da carta de V. Ex.^a de 25 de Setembro ultimo, que se refere á empreza espinhosa bem que muito necessaria e digna de V. Ex.^a da collecção dos Braços de Armas dos concelhos do Reino. — Bem pouco posso fornecer de dados para tão grande obra, pois no Cartorio, que minuciosamente prescutei nada apparece que para isso contribua: contudo vae por copia a unica coisa digna de notar-se. — Remeto a V. Ex.^a o Brazão d'Armas d'este Concelho copiado fielmente do estandarte Municipal, e conforme o mesmo colorido. — Emquanto á sua historia nada consta de positivo nem tradicional; só se pode conjecturar que as

duas cruzes de Santhiago, e a vieira (concha) de que é adornado provém de ter sido esta Villa sujeita a Ordem Militar do mesmo Santo, cuja cabeça capitular era Palmella; e como á mesma Ordem pagava a pescaria da Villa certo tributo, talvez d'ahi provenha o estarem os dois barcos de pesca agrihoados ao Castello principal: os barcos em especial e o peixe de prata deitado sobre as aguas do Sado, indicão talvez a importancia maritima e pescatoria d'esta Villa desde tempos remotos. O seu Castello e torres podem ser que indiquem ser esta Villa considerada como Praça forte em tempos antigos, dos Cavalleiros de Santhiago. — Não consta que o Brazão tenha soffrido alteração alguma pois diferentes pinturas, e o sello apresentam as mesmas peças nas mesmas localidades. — Cumpre-me lembrar a V. Ex.^a, que talvez pela Torre do Tombo se possa descobrir o titulo da Carta Regia que concedeu a esta Villa Brazão d'Armas; porque ella foi creada em Concelho pelo Sr. Rei D. Sancho segundo, no entretanto no Cartorio nada existe como digo a V. Ex.^a — He quanto posso a este respeito dizer a V. Ex.^a quem he. De V. Ex.^a o mais attento servidor. — (a) *Agostinho Albino*.

Ignacio Vilhena Barbosa na sua obra «As Cidades e Villas da Monarchia Portugueza que teem brazão d'armas», Lisboa, 1865, sobre Setubal diz: O seu brazão d'armas é uma fortaleza em campo azul, sobre o mar. Sulca as ondas uma pequena embarcação cercada de peixes. Aos lados da fortaleza estão duas Cruzes da Ordem de Santhiago. —

Temos portanto elementos suficientes para organizar heraldicamente as Armas de Setubal que devemos aconselhar sejam assim constituidas:

— *De azul com um Castello de prata banhado por um mar do mesmo metal aguado de verde e semeado de peixes tambem de prata. Dois barcos de negro juntos á porta do Castello. Em chefe de ouro uma vieira de purpura acompanhada de duas cruzes da Ordem de Santhiago. Corôa mural de prata de cinco torres.* —

— *Bandeira quarteadada de purpura e de branco por serem estes os esmaltes das peças principaes das Armas. Por debaixo das Armas, uma fita branca com os dizeres «Cidade de Setubal.»*

*

* *

Por os jornaes terem dado a noticia de que na Secção da Heraldica da Associação dos Archeologos se tinha tratado das Armas de Setubal, recebeu-se alli o seguinte officio:

Camara Municipal de Setubal. Secretaria. N.º 520. — Ex.^{mo} Sr. — Tendo ardido n'um incendio nos Paços do Concelho o estandarte d'este Municipio, e como, para a sua substituição, se suscitassem duvidas sobre o brazão de Setubal, dirigiu-se a Comissão Executiva da minha presidencia ao Conselho de Arte e Archeologia, pedindo-lhe os esclarecimentos precisos. Consta, porém, agora que áquelle Conselho não pertencem taes assumptos, mas sim que é á Associação dos Archeologos Portuguezes a unica instituição que d'elles trata em Portugal e na qual até existe uma secção propria de heraldica. N'estas condições, tomo a liberdade de juntar copia do officio que dirigi ao Conselho de Arte e Archeologia e de pedir a V. Ex.^a se digne tomal-o como dirigido á prestimosa collectividade a que V. Ex.^a tão superiormente preside, para o fim de esclarecer esta Camara Municipi-

pal sobre tão delicado assumpto. Agradecendo desde já a V. Ex.^a toda a sua boa vontade, tenho a honra de lhe apresentar com os protestos da minha maior consideração os melhores desejos de Saude e Fraternidade. — Setubal 19 de Abril de 1922. — Ex.^{mo} Sr. Presidente da Associação dos Archeologos Portuguezes. — O Presidente da Comissão Executiva, (a) *José Antonio de Azevedo*.

Foram satisfeitos os desejos da Camara d'aquella Cidade, tendo-se-lhe enviado em tempo competente o respectivo estudo e desenho sobre as armas, sello e estandarte.



CEZIMBRA

Parecer elaborado por Affonso de Dornelas e aprovado em reunião de 7 de Abril de 1922 da Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes.

A Camara Municipal de Cezimbra, desejando mandar fazer um estandarte com o respectivo brazão a côres, dirigiu á Associação dos Archeologos Portuguezes, o seguinte officio:

— Camara Municipal de Cezimbra. — Serviço da Republica. — Ex.^{mo} Sr. Presidente da Associação dos Archeologos Portuguezes. — Lisboa. — N.º 81. — Desejando esta Comissão Executiva mandar fazer um estandarte para esta Camara, pelo facto de ha mais de cincoenta annos não existir, nem vestigios certos pelos quaes possa ser reconstruido, venho pedir a V. Ex.^a a subida fineza de illucidar se o escudo que encima este officio é o verdadeiro e primitivo ou se foi adoptado de alguma casa titular que existisse n'este Concelho. Em qualquer das hypotheseis rogava o favor de indicar as côres que lhe pertenciam, satisfazendo esta Camara toda a despeza com um fac-símile a côres. Agradecendo a V. Ex.^a a solicitada fineza, vos desejo Saude e Fraternidade. — Camara Municipal de Cezimbra, 19 de Maio de 1921. — O Presidente da Comissão Executiva, (a) *Abel Gomes Polvora*.

Este officio é escripto em papel timbrado incluindo um castello arrematado por uma aguia d'azas abertas que poisa na torre central e abaixo do castello, correndo, um coelho.

Não sei o que significa, não conheço este conjunto como constituindo um brazão de qualquer familia portugueza e Cezimbra não consta que tivesse brazão em qualquer epocha.

Na reunião da secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes de 15 de Julho de 1921, foi tratado o assumpto acabando por ser eu incumbido de o estudar formulando um parecer.

Constou pelos jornaes que tinha sido o assumpto ventilado o que motivou segundo officio da referida Camara, nos seguintes thermos :

— Camara Municipal de Cezimbra. — N.º 281. — Ex.º Sr. Presidente da Associação dos Archeologos Portuguezes. Largo do Carmo, Lisboa. — Tendo esta Commissão conhecimento que a Associação da vossa digna Presidencia já se occupou, em duas das suas sessões, do brazão de Cezimbra, sollicito de V. Ex.ª o favor de informar se já chegou a resultados positivos sobre o assumpto e no caso negativo, quaes as côres do brazão actualmente adoptado, satisfazendo esta Camara toda a despeza com um fac-simile a côres. Agradecendo as informações pedidas, vos desejo Saude e Fraternidade. — Camara Municipal de Cezimbra, 1 de Novembro de 1921. — O Presidente da Commissão Executiva, (a) *Abel Gomes Polvoira*.

Tem levado este estudo bastante tempo a concluir, por ser meu desejo o errar o menos possivel, tendo procurado por todas as formas e feitiços o descobrir a origem ou as razões da existencia do brazão acima referido e que se não sabe como é adoptado pela Camara Municipal de Cezimbra.

E' de facto um problema bastante complicado e d'uma solução de grave responsabilidade.

Exgotados todos os meios possiveis e imaginaveis para conseguir decifrar este enyigma, na reunião da Secção de Heraldica effectuada em 10 de Fevereiro de 1922, expuz o embaraço em que me encontrava simplesmente por aparecer este desenho de castello, da aguia e do coelho, pois que se nada d'isto apparecesse era facilimo organizar um brazão para Cezimbra em face da sua interessante historia.

Propuz pois que se sollicitasse da referida Camara algumas explicações sobre o caso. Assim se fez o que despertou a seguinte illucidativa resposta :

— Camara Municipal de Cezimbra. — Gabinete do Chefe da Secretaria. — N.º 96. — Ex.º Sr. Presidente da Direcção dos Archeologos Portuguezes. Edificio Historico do Carmo, Lisboa. Em resposta ao officio de V. Ex.ª de 11 de Fevereiro ultimo, cumpre-me informar :
a) No edificio dos Paços do Concelho, cuja data de constatação não é possivel precisar, existe embutido na parede do lado nascente e defronte do Antigo Pelourinho o brazão que esta Camara adoptou ;
b) O edificio era pertença d'uma antiga casa fidalga, talvez extincta ;
c) O motivo que levou as Camaras transactas — haverá uns 30 annos — a adoptarem este brazão foi o não possuirem outro e o Edificio dos Paços do Concelho, em posse da Camara ha mais de 70 annos, ter o brazão que encima este papel. Informo mais, que no Castello não existe escudo algum nem indicios da sua existencia em qualquer parte das muralhas, existindo unicamente sob a porta principal da Igreja o distinctivo da Ordem de S. Thiago, a que a mesma pertencia. Em vista do exposto, esta Camara continuará a uzar o actual brazão carecendo unicamente de saber as côres do mesmo, para mandar fazer um standarte. Agradecendo a V. Ex.ª e á Associação da vossa mui digna Presidencia, todos os esclarecimentos e estudos sobre o assumpto, vos desejo Saude e Fraternidade. Camara Municipal de Cezimbra, 7 de Março de 1922. O Presidente da Commissão Executiva, (a) *Abel Gomes Polvoira*.

Não dá este officio bases concretas para a definição mas emfim já diz alguma coisa.

Poderia a Camara de Cezimbra tentar investigar um

pouco mais, podia mesmo enviar-nos uma photographia do brazão que existe no edificio da Camara e que consta ter sido pertença d'uma antiga familia fidalga, mas não é necessario. Com estes elementos ja podemos reforçar o nosso modo de ver sobre o assumpto.

O Castello, a Aguia e o Coelho que compõem um conjunto que timbra o papel de officio da mesma Camara, não apparece dentro de qualquer cercadura, portanto não tem aspecto de brazão, sendo mais natural que esteja assim representado um escudo no referido edificio.

E' conhecidissimo em dezenas de casos ainda hoje expostos em portões de quintas, portas de palacios, sepulturas, sinetes, etc., a forma como em todas as epochas tem sido tratada a heraldica em Portugal. E' um pavor. A confusão é a principal base para se organizar um brazão. D'esde a pessoa considerada conhecedora que informa, como a que ouve, a que reproduz pelo desenho e a que grava, todos completam o perfeito estado de confuzão e depois da confuzão feita segue rumo com destino ao infinito e atravessa gerações e gerações a ser reproduzido com todo o respeito e veneração.

Ora vejamos como o brazão actualmente adoptado pela Camara Municipal de Cezimbra, constitue uma charada que vou tentar decifrar.

Para a decifração, basiei-me no ultimo officio transcripto acima.

Diz o officio resumindo :

Alinea a) — No Edificio dos Paços do Concelho..... existe embutido..... o brazão que esta Camara adoptou.

Alinea b) — O Edificio era pertença d'uma antiga casa fidalga, talvez extincta.

Alinea c) — O motivo que levou as Camaras transactas — haverá uns 30 annos — a adoptarem este brazão, foi o não possuirem outro e o Edificio dos Paços do Concelho, em posse da Camara ha mais de 70 annos, ter o brazão que encima este papel (officio).

Ora parece que está mais que provado que de facto este brazão era d'uma familia, portanto como no inicio d'este parecer digo, fiz muito bem em procurar pelas familias portuguezas se haveria alguma coisa pelo menos parecida. Não encontrei antes da recepção d'este ultimo officio, mas encontrei depois. Vejamos como.

Diz Pinho Leal a paginas 263 do 2.º volume do seu «Portugal Antigo e Moderno» no artigo referente a Cezimbra, o seguinte : — João Martins de Deus, era um cavalleiro asturiano, que se veio estabelecer n'esta villa e é progenitor dos Martins de Deus, d'aqui e de Setubal. Suas armas são — escudo dividido em pala, na primeira de azul, um castello de ouro, com um corvo negro á porta ; na segunda, d'ouro, aguia azul, rompente. Elmo d'aço, e por timbré 5 plumas, duas d'ouro e 3 azues. Outros da mesma familia tem as mesmas armas, mas por timbre um castello d'ouro, que é o das armas.

E' da mesma opinião o Visconde de Sanches de Baena no seu Archivo Heraldico-Genealogico, dizendo que assim está igualmente no Livro dos Reis d'Armas (Torre do Tombo).

Ora como João Martins de Deus era proveniente das Asturias, fui consultar o D. Francisco Piferrer, no seu «Nobiliario de los Reynos y Señorios de España» Ma-



Sello de Cezimbra segundo este parecer

drig 1857 e, no Tomo III, paginas 190, sobre n.º 1375 encontro o seguinte: — Martinez. Una de las numerosas familias que se distinguen con el patronimico *Martinez*, muy antiga y estendida en Asturias, Leon y Galicia, enlazada con la de Buergo, tiene por armas: Escudo cortado; el 1.º de azul y un castillo de plata; el 2.º de oro y un cuervo passante; bordadura de plata y ocho estrellas de azul. —

Por ultimo vamos ver o que nos diz o grande heraldista Major Guilherme Luiz dos Santos Ferreira no seu Armorial Portuguez. Lisboa 1920, a paginas 207 e sob n.º 938.

— Martins de Deus — Partido: 1.º de Vermelho, com uma torre de ouro; 2.º de ouro, com uma aguia de azul, erguendo o vôo. Timbre. Tres plumas de azul e duas de ouro, reunidas em ponta.

Portanto temos aqui tres auctoridades a fallar: Visconde de Sanches e Baena, D. Francisco Piferrer e Guilherme Luiz dos Santos Ferreira.

Todos tres juntos são os elementos indispensaveis para a organização do brazão que a Camara Municipal de Cezimbra erradamente tem uzado pela simples razão de estar embutido na parede.

! Ora valha-nos Deus mais o brazão de João Martins de Deus !!

Sanches de Baena e Santos Ferreira dizem que este brazão é partido portanto dividido perpendicularmente.

Piferrer diz que é cortado, portanto dividido horizontalmente.

Este ultimo heraldista diz-nos que na parte superior do escudo está um castello e na parte inferior um corvo.

O Livro do Rei d'Armas, d'onde copiou Sanches de

Baena, fez desaparecer a divisão do cortado e aproximando as duas peças, o Castello do Corvo, colloca este à porta d'aquelle.

Este Rei d'Armas já junta este escudo com outro qualquer que era d'ouro com uma aguia azul o que é evidentemente uma ligação de duas familias e Santos Ferreira, o unico dos tres que evidentemente mais estudou o assumpto, apresenta como brazão dos Martins de Deus em Portugal a união em escudo partido, portanto perpendicularmente, no primeiro o castello e no segundo a aguia.

Podia muito bem succeder, como evidentemente succedeu que quem esculpiu o escudo de Cezimbra o considerou cortado em tres partes, ou seja horizontalmente, collocando na primeira a aguia, na segunda o castello e na terceira o corvo.

Como antigamente as côres não se indicavam nos escudos esculpidos em pedra, não aparecia a divisão dos campos, portanto aparece-nos reunida a aguia ao castello e em baixo um coelho ou coisa parecida que evidentemente não é mais do que o corvo que mal esculpido, ainda foi peor comprehendido pelo recente desenhador que fez o timbre do papel que uza a Camara Municipal de Cezimbra.

Não nos resta a menor duvida portanto que o edificio onde está instalada a Camara de Cezimbra era da familia Martins de Deus.

Repudio portanto em absoluto a ideia de que a Ca-



Bandeira de Cezimbra com as cores indicadas heraldicamente

mara Municipal de Cezimbra, uze por mais um minuto sequer que seja, o brazão da familia de Martins de Deus cuja origem não é portugueza.

Vamos portanto pensar no sello da Camara Municipal de Cezimbra, n'aquelle que a mesma Camara deve

ostentar no seu estandarte, n'aquelle que deve ser collocado no frontespicio dos paços do Concelho.

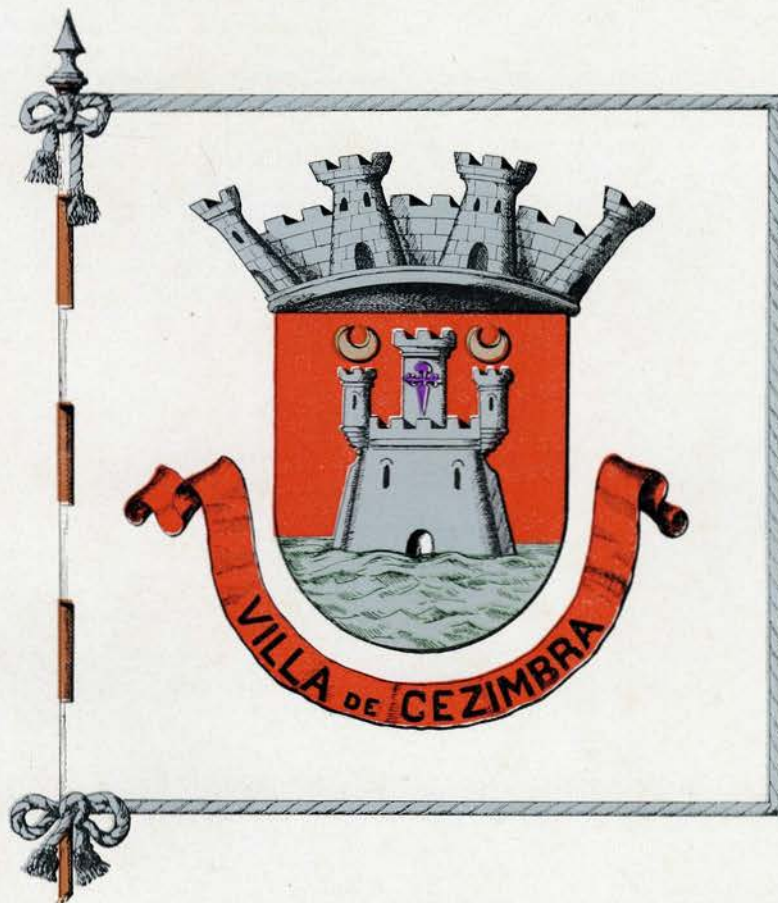
Foi Cezimbra cercada de muralhas portanto deve ter no seu escudo um castello e como é banhada pelo Atlantico, deve esse castello ser banhado pelo mar.

Cezimbra foi tomada aos Mouros por D. Affonso Henriques em 1165, portanto é indispensavel que ostente no seu brazão dois crescentes um sobre cada torre lateral do castello. Cezimbra é grande na historia de

D. Affonso II confirmou este foral em Santarem em 1218 e D. Manuel I deu-lhe foral novo em Lisboa em 28 de Julho de 1514.

O Concelho de Cezimbra, foi creado em 1323 por D. Diniz elevando-o de Povoação á cathegoria de Villa.

Cezimbra foi cabeça da Commenda do Mestrado da Ordem de Santhiago e foram seus commendadores os Duques de Aveiro.



Bandeira e armas da Villa de Cezimbra

Portugal. Cezimbra foi cabeça da commenda da Ordem de S. Thiago, portanto na torre central deve ter a Cruz d'esta Ordem.

Depois de tomada aos Mouros, foi theatro de successivas guerras que arruinaram as suas muralhas mouriscas, mas D. Sancho I reconstruiu-a e povoou-a em 1200 dando-lhe foral em Coimbra em 1201 com todos os grandes privilegios, fóros e regalias do foral d'Evora.

Etc. Cezimbra é um volume de historia e o seu brazão tal como o lembro acima encerra toda a sua vida que nobilita o paiz.

Proponho portanto que o brazão de Cezimbra seja constituído por um escudo :

De Vermelho, com um Castello de prata de tres torres, sendo a do meio carregada de uma cruz da Ordem

de S. Thiago e as dos flancos encimadas, cada uma, por um crescente de ouro; o castello banhado por um mar de prata, aguado de verde.

Vejam agora como a Camara Municipal deve pagar este estudo.

Nos seus officios acima transcriptos salienta o seu desejo de satisfazer a despeza que haja com o desenho do escudo, pois eu proponho que a Camara Municipal de Cezimbra arranque com toda a cautella o escudo que tem nos Paços do Concelho e que no mesmo sitio colloque o escudo que proponho e que o velho escudo dos Martins de Deus dê ingresso no Muzeu Municipal se o houver e caso ainda o não haja, que seja o inicio do mesmo Muzeu que é indispensavel que o tenha e que concerteza será facil vir a ser um bello muzeu pois que uma terra tão cheia de historia e de tradição, deve ter numerosos objectos que constituam essa indispensavel manifestação de civilisação.

Assim fica pago este servico.

Agora um conselho que me atrevo a dar á Camara Municipal de Cezimbra.

A côr das bandeiras que tem ao centro um brazão, para boa harmonia, deve ser da côr da peça principal do brazão.

Aqui a peça principal é o castello, que é de prata, portanto a bandeira deve ser branca.

Não deve a Camara Municipal adoptar uma bandeira com as côres nacionaes porque a bandeira nacional por principio algum pode ser alterada.

A bandeira bipartida de vermelho e de verde, só pode conter o escudo nacional e nada mais.

Os Municipios não devem ter nos seus estandartes qualquer symptoma, salvo por algum caso excepcional, que indique sujeição ao poder central.

Os Municipios, e esse é o seu principio, devem mostrar a sua autonomia, a sua verdadeira independencia, e não só por certos motivos, como muito principalmente pelo respeito que deve haver pelo pendão que symbolisa Portugal, não devem imitar este pendão, nem na disposição das côres, nem no escudo.

*

* * *

Remettido este parecer á Camara Municipal de Cezimbra, foi na Associação dos Archeologos, recebido o seguinte officio:

— Camara Municipal de Cezimbra. — N.º 168. — Ex.^{mo} Sr. Presidente da Direcção da Associação dos Archeologos Portuguezes. — Edificio Historico do Carmo. — Lisboa. — Tenho a honra de communicar a V. Ex.^a, que a Comissão de minha presidencia, ao tomar conhecimento da memoria descriptiva do futuro escudo de Cezimbra, resolveu, manifestar o seu agradecimento a V. Ex.^a e ao illustre socio relator Ex.^{mo} Senhor Dr. Affonso d'Ornellas, pelo revelante beneficio concedido a este Concelho. E' desejo da Comissão, visto V. Ex.^a conceder-nos gratuitamente o estudo sobre o assumpto, satisfazer as despezas que hajam feitas ou houverem a fazer com o desenho do

escudo. Por ultimo desejava a Comissão que no dia em que a bandeira d'esta Camara fosse apresentada ao publico, se effectuasse uma Sessão commemorativa d'este facto e se distribuisse uma monographia da Villa e Concelho de Cezimbra desde os mais remotos tempos. Para isso sollicito de V. Ex.^a o favor de nos dar os elementos necessarios, como as principaes familias que habitaram este Concelho, com os seus respectivos brazões, industrias antigas, monumentos e seus fundadores, enfim, tudo o que, sobre o assumpto historico, possa servir de illucidação. Colhidos os elementos necessarios far-se-ha um estudo descriptivo sobre as actuaes industrias e actual estado dos monumentos, acompanhando esse estudo de photogravuras, e, assim talvez, se estimule algum estudioso a trabalho completo sobre a historia de Cezimbra. Reconhece a Comissão que os apontamentos que V. Ex.^{as} nos facultarem representam talvez um sacrificio aos vossos affazeres; mas quem melhor nos poderá ensinar? E os talentos a ninguem são concedidos para estarem escondidos debaixo do alqueire, como diz a Escriitura Sagrada. Ficando-vos devedor de mais este favor, com os protestos da mais subida consideração, vos desejo Saude e Fraternidade. — Camara Municipal de Cezimbra, 26 de Abril de 1922. — O Presidente da Comissão Executiva, (a) *Abel Gomes Polvoira*.

A titulo de curiosidade e para se ver quanta graça tem por vezes o espirito inventivo e desejoso de decifrar enygmas, vou transcrever um officio que se encontra no Archivo da Camara Municipal de Lisboa, referente ás Armas Municipaes:

Municipalidade do Concelho de Cezimbra. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ayres de Sá Nogueira. — Cumprindo-me responder ao officio de V. Ex.^a de 25 de Setembro ultimo, respectivamente ao brazão d'armas deste Concelho tenho a honra de dizer a V. Ex.^a que no archivo da Camara, se não encontrou, noção ou definição de semelhante brazão nos livros antigos, mas não resta duvida que as armas deste concelho, são as que se achão gravadas n'huma lapide que está metida na parede de seus Passos, na parte fronteira ao Pelourinho cujo desenho incluso remeto, sendo certo que no antigo estandarte dellas se usou, porem actualmente usase das armas do Reino.

Se porem não existe documento authenticico que comprove a significação daquelle brazão, ha contudo a tradição constante, que está em harmonia com a nossa Historia. — Depois que o Sr. D. Affonso Henriques em 1165 se afastou dos Muros de Palmella, Castello naquelle tempo julgado enepugnavel, se resolveo a vir sobre Cezimbra e por fortuna conseguiu tomar este Castello por surpresa. — Não lhe cabendo porem em seo forte animo o desistir da tomada de Palmella, deixando o grosso do seu Exercito nesta Villa, se foi com 60 cavaleiros, e cerca de 300 besteiros a fazer-lhe de novo hum reconhecimento ao Castello de Palmella, e ainda nos limites deste mesmo Concelho, se encontrou com o Rei Mouro de Badajoz, que vinha em socorro da Praça com hum poderoso Exercito de sesenta mil homens de pé e quatro mil de cavallo, mas vinhão em tal desordem, e desprevenidos de tal encontro que foram certamente, estes os motivos que de envolta com o valor Portuguez, causarão a derrota do inimigo, que voltando as costas atropelando-se e matando-se huns aos outros, se puzarão em vergonhosa fuga. — Este facto deu motivo a que o Alcaide do Castello de Palmella, sahisse logo a fazer a entrega do Castello aquelle Rei. — Eis a razão porque a tradição explica o brazão d'armas com referencia a esta Batalha do modo seguinte. — O Castello com as suas ameias, significa a tomada do Castello de Cezimbra. A Agua Rial pousada sobre o Castello, symboliza o grande Rei, triunphante naquelle Batalha. A Lebre collocada debaixo do Castello, fugindo e olhando para traz, é o simbolo do pavor e completa derrota do Exercito Mouro. — Sendo pois o que se me ofrece a dizer a tal respeito; tendo a acrescentar que estarei prompto ás determinações quaisquer de V. Ex.^a como quem confessa ser. — De V. Ex.^a Mt.^o At.^o Venr. — (a) *Julião José de Oliveira*. — Cezimbra 5 de Novembro de 1855.



ARMAS DE FAMILIA

MARTINS DE DEUS

Estudo de Afonso de Dornellas feito em Cintra em 18-9-1926.

QUANDO, em 7 de Abril de 1922, apresentei á Secção de Heraldica e Genealogia da Associação dos Archeologos Portuguezes o parecer que formulei sobre as armas de Cezimbra, descrevi como as armas esculpidas em pedra que ornamentam a frontaria dos Paços do Concelho da mesma interessante e historica villa, constituíam uma confusão curiosa das armas da familia *Martins de Deus*.

Referindo-me ao «Nobiliario de los Reynos y señorios de España» por D. Francisco Piferrer, disse eu que no Tomo III, Madrid 1857, a paginas 190, vinha a descripção de uma das variadas armas de Martins, pela seguinte forma :

— Escudo cortado ; el 1.º de azur y un castillo de plata ; el 2.º de oro y un cuerbo pasante ; bordadura de plata y ocho estrellas de azur. —

São estas as armas dos Martins originarios das Asturias e ligados aos Buergos, que não teem um corvo nas armas.

Piferrer não inclui na sua obra as armas ligadas da familia *Martins* com as da familia *Deus*, apesar de mencionar as de varios Martins.

O Visconde de Sanches e Baena, no seu «Indice He-

raldico». — Lisboa 1872, no titulo *Martins de Deus* diz : «Procedem estas de João Martins de Deus, fidalgo das Asturias, que passou a Portugal, onde ha descendentes seus em Setubal e Cezimbra. Tem por armas o escudo partido em pala ; na primeira em campo azul um castello de ouro, com um corvo da sua côr á porta, na segunda em campo de ouro uma aguia de azul rompente ; timbre cinco plumas, duas de ouro e trez de azul. Acham-se no livro dos reis d'armas.»

O mesmo auctor na sua sempre apreciavel obra «Archivo Heraldico Genealogico» — Lisboa 1872, não include a carta de brazão concedida a Miguel Martins de Deus em 7 de Outubro de 1731 de que acabo de conhecer a existencia.

Não encontrou Sanches de Baena o registo d'esta carta, mas, como acima transcrevo, encontrou as armas dos «Martins de Deus», desenhadas no «Livro dos Reis d'Armas» que existe na Torre do Tombo.

Em todo o caso já aqui poderemos verificar que as armas descriptas por Piferrer, como sendo dos Martins das Asturias, são cortadas tendo no primeiro um castello e tendo no segundo um corvo e tudo dentro de uma bordadura carregada de estrellas.

As armas da familia *Martins de Deus* apresentadas por Sanches de Baena, copiadas do codice portuguez «Livro dos Reis d'Armas», tem o mesmo Castello, mas com o corvo á porta e sem bordadura de estrellas, quer dizer, as armas dos Martins das Asturias que eram cor-

tadas, deixaram de o ser, sendo aproveitado o corvo do 2.º cortado, para juntar ao Castello, sendo ainda abandonada a bordadura das oito estrellas. Deveria esta bordadura pertencer ás armas dos Martins, pois Piferrer sob n.º 303 apresenta-nos outros Martins de Espanha que tinham por armas uma arvore verde com fructos de prata em campo d'ouro, com uma bordadura de azul com oito estrellas de prata.

As armas dos Martins das Asturias passaram a preencher a primeira pala d'um brazão partido, apparecendo de novo, na segunda pala, uma aguia.

Como apparece esta aguia?

As alterações feitas ás armas dos Martins das Asturias, não é exemplo raro, pois constantemente nos estão apparecendo modificações em armas de familia, ou porque um filho segundo constituiu casa e alterou em parte as armas dos seus ascendentes para não se confundirem as suas com as de seu irmão primogenito, ou porque qualquer membro d'uma familia mudou definitivamente a sua residencia para outro paiz e alterou a disposição das suas armas; emfim, varias causas existem para que appareçam variantes com justificações, mas n'este caso apparece-nos a mais uma aguia com a circumstancia de não entrar na composição das armas dos Martins das Asturias, mas prehenchendo por completo uma pala d'um brazão partido.

Trata-se portanto das armas d'uma familia que se ligou aos referidos Martins.

G. L. dos Santos Ferreira no seu «Armorial Portuguez — I parte — Lisboa. 1920, sob n.º 938 apresenta-nos as armas da familia *Martins de Deus*, já por outra forma, pois que lhe suprime o corvo, descrevendo assim. Partido: 1 de vermelho, com uma torre de ouro; 2 de

oiro com uma aguia azul, erguendo o vôo. — Timbre: tres plumas de azul e duas de oiro, reunidas em ponta.

Aqui, o campo do primeiro já é vermelho e não azul como no «Livro dos Reis d'Armas». Emfim cada um dá a sua sentença. Pinho Leal, tratando de Cezimbra no seu Dicionario «Portugal antigo e moderno», no 2.º volume, pag. 263, descreve as armas dos *Martins de Deus* da seguinte forma: Partido: 1.º de azul com um castello d'ouro com um corvo negro á porta; no 2.º,

d'ouro com uma aguia de azul, rompante. Por timbre 5 plumas, duas d'ouro e 3 de azul—Depois diz—Outros da mesma familia teem as mesmas armas, mas por timbre um castello d'ouro que é o das armas.

E' interessante este exemplo das armas da familia *Martins de Deus*, para prova do que muitas vezes repito, de que na Armaria reina grande confusão.

Mas, ainda não fica por aqui, ainda falta citar um grande heraldista que, por acaso, não consultei quando fiz o parecer sobre as armas de Cezimbra.

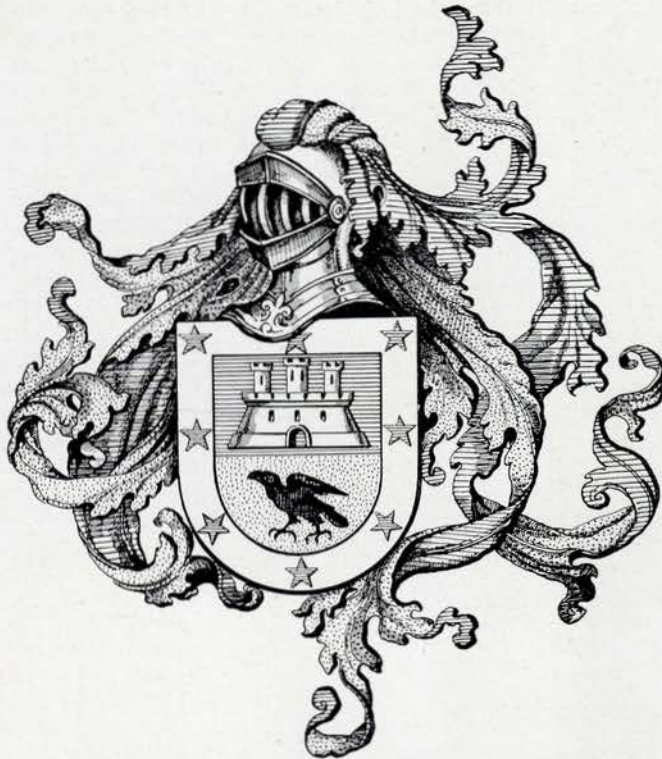
Anselmo Braamcamp Freire na sua preciosa obra «Armaria Portugueza», que deixou impressa quasi completamente e de que, pelas suas ultimas disposições, deliberou que o resto fosse publicado sob a direcção do illustre academico sr. Pedro

de Azevedo, diz referindo-se ás variadas armas adoptadas pelas familias Martins:

— Martins, outros — Partido: 1.º de azul, castello de oiro carregado de um corvo de sua côr junto á porta; o 2.º de oiro, aguia de perfil volante de azul. Timbre: cinco plumas, tres de azul e duas de oiro. Elmo de prata, aberto, guarnecido de oiro. Pagueife de azul e oiro. —



Armas da familia Martins de Deus segundo o Visconde de Sanches de Baena



Armas da Família Martínez das Asturias segundo D. Francisco Piferer

Depois, Braamcamp diz que a folha 393 do *Espelho de Nobreza*, de Francisco Xavier da Serra Craesbeck, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa C. 1. 3, são estas armas chamadas de Martins, de João Martins de Deus, que das Asturias passara para Portugal, dizendo ainda que de facto encontrou no citado Piferer, Volume III, 190 N.º 1375, umas armas de Martínez das Asturias, nas quaes existe uma analogia com as que descreve e que acima refiro.

Pode muito bem ser que Santos Ferreira, suprimindo o corvo, tivesse uma certa razão.

Na generalidade, as armas quando partidas, cortadas, esquarteladas, etc., teem por fim representar ligações de varias familias, ou representar diferentes casos que motivaram a sua criação.

Aquelles Martins que tem as armas cortadas, tendo no primeiro o castello e no segundo o corvo representam com certeza duas familias, portanto Santos Ferreira que procurou, tanto quanto possível, purificar as armas levando-as á sua origem, descobriu que aquelles Martins tinham apenas o castello e que o corvo era d'outra familia com que se ligaram. O ter os esmaltes diferentes tambem

pode significar que ao unirem as armas dos Martins com as da familia representada por um corvo, alterassem os esmaltes, do que ha muitos exemplos.

Se Santos Ferreira de facto supprimiu o corvo, por esta razão, errou juntando num só escudo as armas da Familia Martins e da Familia Deus, quando as devia ter separado.

Como se vê ha varias armas da familia Martins que se parecem umas com as outras e que teem sido uzadas para distinguir diferentes ramos ou diferentes familias de appellido Martins sem que descendam da mesma base.

O que não temos encontrado são as armas da familia Deus, pois que a familia de que temos tratado se chama «Martins de Deus» e, pelo que fica exposto, nenhum dos auctores citados justifica o apparecimento da aguia que só apparece junto ás armas dos Martins quando este appellido está ligado ao de Deus.

A aguia portanto deve representar uma familia que tivesse uzado o appellido «Deus».

Ainda encontro em Santos Ferreira umas armas da Familia Mestre, originaria de Estevão Martins Mestre que parece teve alguma ligação com a Familia Deus, pois sendo Martins tem meia aguia nas armas.

Nos armoriaes portuguezes só nos apparece o appellido «Deus Dará» que foi creado com as respectivas armas por alvará de 21 de Junho de 1645 e Carta de Bração de 4 de Agosto do anno seguinte conforme se vê a folhas 260 verso do



Armas da familia Martínez segundo D. Francisco Piferer

Livro 1.º das «Portarias do Reino» e a folhas 58 verso do Livro 15.º da chancelaria de D. João IV, existente na Torre do Tombo.

Este appellido «Deus Dará» e as respectivas armas, foram criados para premiar os altos serviços prestados no Brazil por Manuel Alvares Deus Dará e seu pae Antonio Alvares de la Penha Deus Dará, nada tendo com a familia Deus que se juntou á familia Martins e que eram uriundos das Asturias.

Felizmente existe um documento em pergaminho que tudo vem esclarecer e que vou passar a transcrever, dando-nos as armas da familia «Deus» das Asturias e descrevendo-nos as armas da familia «Martins de Deus» tal como devem ser uzadas e que vem rectificar o que os armoriaes portuguezes teem dito sobre o assumpto.

O interessante pergaminho, hoje propriedade do sr. Joaquim Rumina, natural de Cezimbra e residente em Lisboa, diz :

«—Yo Diego de «Urbina, / Rey de «a r m a s llamado «por mi officio Cas- «tilla del Rey don «Phelippe nuestro «S^{or}, / tercero deste «nombre etts. Cer- «tifico y hago en- «tera fee y credito «a todos quantos

«esta/carta vieren «como en los libros y copias de linages que yo tengo «destos Reynos parece / y está escripto en ellos el linage «y armas de Martinez, y el linage y armas de Dioses / «su tenor de los quales es como se sigue; / Los deste «apellido y linage de Martinez, son mui buenos hijos «dalgo / y mui antiguos naturales de Asturias de Uviedo

«gente mui principal y en otras partes / y todos traen «unas mismas armas que son un escudo açul y enel um «Castillo de oro y al/pie del Castillo un cuerbo de sa- «ble y estas son sus armas deste linage como aqui es- «tan. Los del apellido y linage de los Dioses son mui «buenos y mui antiguos hijos dalgo naturales de Astu- «rias de donde han salido amuchas partes de los Reynos

«de España. Traem «por armas los des- «te linage de Dioses «un escudo de oro «y en el una agui- «la / açul rapante «y estas son las ar- «mas antiguas deste «linage assi como «están aqui. Y «para que conste «dello de pedimien- «to de Antonio «Martinez de Dios «ca/pitan del Cas- «tilla de la villa de «Cecimbra y vezino «de la dha villa en «el Reyno de/ Por- «tugal descendien- «te de los linages «de Martinez y Dio- «ses de Asturias de «Uviedo y/ le per- «tenecem las armas «y blasones como «a hijo dalgo y des- «cendiente de los «dhos linages co- «mo/ consta de es- «cripturas que pre- «sento di esta carta «y certificacion fir- «mada de mi nom- «bre y sel/lada con «el sello de mi offi- «cio en Valladolid «a tres de Julio de «mil y seiscientos y «cinco. (a) Diego de «Uurbina Rey de «armas.



1ª folha da justificação da origem Hespanhola das armas das familias Martins e Deus

Segue-se um sello em branco com as armas de Castilla encimadas por uma corôa Real aberta e os dizeres.

= Rey de armas de Castilla =

Depois seguem-se os seguintes dizeres :

«— Yo Gomez Fanega escrivano del Rey nuestro se-

«ñor e mayor del ayuntamiento de la ciudad de Valladolid y publico del numero della doy fee que Diego de Urbina de quien va firmada / y sellada la certificacion de armas e linages de Martinez y de Dioses es Rey de armas de su / mag^d y como tal usa y exerce el dicho officio y la firma donde dise Diego de Urbina Rey / de armas, es de su propria mano y letra y la que suele y acostumbra haser y porque le he visto es/crivir y firmar y para que dello conste di esta firmada de mi nombre y signada de mi signo y sellada com el sello de esta dha Ciudad que esta em mi poder. En Valladolid a tres de julio de mille y seyscientos y cinco años.—»

Seguem-se depois o signal e assinatura de Gomes Fanega. Tem ao lado um sello em branco que consta d'umas armas com cinco fachas onçadas não se percebendo o que as encima.

Este documento de mais alto valor para o estudo das armas da familia Martins de Deus que tem lindamente illuminadas, foi, como de seu theor se deprende, exarado para justificar em Portugal quaes eram as armas dos Martins de Deus que o Capitão do Castello de Cezimbra, Antonio Martins de Deus, queria naturalmente que lhe fossem reconhecidas.

Serviu certamente o mesmo documento para que as armas dos Martins de Deus fossem registadas na Torre

de Tombo no «Livro dos Reis d'Armas», d'onde naturalmente foram copiadas em 7 de Outubro de 1731 para illuminar a carta do Fidalgo da Cota d'Armas que foi n'esta data conferida a Miguel Martins de Deus.

Esta carta que se conserva inedita, pois não vem transcripta no *Archivo Heraldico e Genealogico* do Vis-

conde de Sanches de Baena nem nos «Brazões Ineditos» de José de Sousa Machado, está hoje em poder do sr. Humberto Cunha, residente em Setubal.

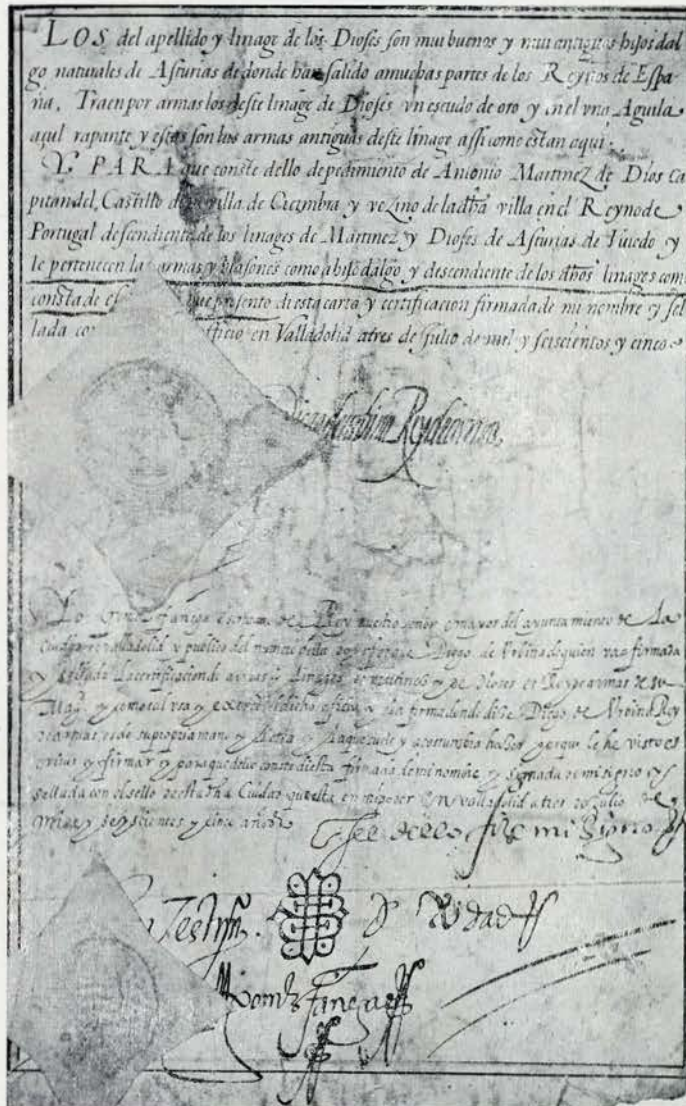
Pertenceu a mesma carta que me foi amavelmente emprestada para reproduzir, ao ramo da familia Martins de Deus que residiu em Setubal e terminou n'uma senhora que alli morreu ha annos sem descendencia nem parentes, deixando varios objectos e entre elles a mesma carta, a um seu empregado, tio avô do sr. Joaquim da Silva, morador em Setubal e que deu todos estes esclarecimentos por carta datada de 24 de Agosto do anno corrente de 1926 dirigida ao sr. Joaquim Rumina.

Pela mesma carta se vê que aquelle sr. Humberto Cunha, é sobrinho d'este sr. Joaquim da Silva.

O curiosissimo documento consta de doze paginas em pergaminho linda-

mente illuminadas, tendo na ultima a indicação de que foi registado a folhas 116 do Livro Oitavo do Registo dos Brazões da Nobreza de Portugal em 10 de Outubro de 1731.

Vejamos portanto a reproducção do interessante e inedito documento:



2ª folha da justificação da origem Hespanhola das armas das familias Martins e Deus







Qual escudo, armas, e
linaes, pola trazer etra
ga o dito Miguel Mar
tins de Deos, asim co
mo a honra, e dellas
uzarao seus antecesso
res, em todos os lugares
de honra em que os ditos seus antecessores e
os nobres, antigos fidalgos sempre as culha
marao trazer em tempo dos muy esclareci
dos Reys meus antecessores, e com ellas po
sa entrar embatallas campos, escaramentas,
e exercitar com ellas todos os outros actos
licitos da guerra, e da pax, e asim as pola tra
zer em seus firmas, aneis, lenetes, e de uzas
e as por em suas cazas, e edificios, e deixa
llas sobre sua propria sepultura, e finalme
te se servir, e honrar, gozar, e prouectar del
las, em todo, e por todo, como a sua nobre
za conueni; Com o que quero em e praz,
que luia elle etodos seus descendentes to
das as honras, privilegios, liberdades, gra
cias, merces, emzenhoes, e franquezas que
hãõ e deuem hauer, os fidalgos nobres, e de
antiga linhagem, e como sempre de todo



*Com o qual se trata de trazer
e trazer os ditos seus antecessores
e assim as pola trazer em seus
firmas, aneis, lenetes, e de uzas
e as por em suas cazas, e edificios,
e de deixa llas sobre sua propria
sepultura, e finalmente se servir,
e honrar, gozar, e prouectar del
las, em todo, e por todo, como a
sua nobreza conueni.*

De Rey, D. Fernando, Rey




uzarao seus antecessores. Poem
mandado a todos meus Cortegadores, e
Dezembargadores, Juizes Justicias, Alcaides
e em especial a nos meus Reys d'armas Arau
tos, e Palliurantes, e a quies quer outros offi
ciaes, epelõas, a que esta minha carta for
mostrada, e o conhecimento della pertencer,
que em todo llo cumprãõ, e guardem, e fa
caõ cumprir e guardar, como nella he con
tinueudo, sem duvida nem embargo algum
que em ella llo sea posto, por que asim he
minha merce. El Rey nolo senhor omã
dou por Manoel Reyem da Silua seu Rey
d'armas Portugal. Fy Joseph da Cruz da
Ordem de São Paulo, Reformador do Car
torio da nobreza do Reyno por especial.
Provizão do dito senhor, a fex, anno do
nascimento de nolo senhor Jezu Christo
de mil e sete centos e trinta e hum, ao sete
dias do mes de Outubro, e vai solherita por
Antonio Francisco e Souza, escriuão da no
breza nestes Reynos esenhorios de Portu
gal, e suas Conquistas. *Deo et Antonio*



*Fica Registado este Provizão no L.º
do Registo das Provozes da nobreza,
de Portugal A.º 116 L.º a
Occidental For 20 dias do mes
de Outubro, do anno de 1731*

De Rey, D. Fernando, Rey





Armas da família Mestre segundo G. L. dos Santos Ferreira

Esta interessante carta é seguida d'uma certidão que por não ter qualquer illuminura ornamental não reproduzo em photogravura, mas que passo a transcrever:

Certidão / que se passou / a instancia / de / Miguel Martins de Deus / natural, & morador na Villa de / Setubal. / Anno do Senhor de 1732. / Antonio Francisco e / Souza escrivão da nobre / za nestes Reynos e Se / nhorios de Portugal, e su / as Conquistas, Certifico aos / que a prezente certidão / virem, que por parte de Miguel Martins de / Deos natural e morador na Villa de Setubal / me foi apresentada huma sua petição, de cujo theor he o seguinte. / Petição. / Dis Miguel Martins de / Deos natural e morador na / Villa de Setubal, que a elle lhe / he necessario huma certidão / do liuro da Armaria deste / Reyno de Portugal, pela qual conste estarem / registadas as armas dos Martins e Deuzes, / com as mais declarações dellas, que no dito Livro se acharem, E por que esta se lhe não / pode. // pode passar sem despaxo de vosa merce, por tanto / Pede a vosa Merce lhe faça Merce mandar ao / escrivão da Nobreza lhe a dita certidão / do que constar do dito liuro, em forma que faça / fê, E recebera merce. — Despacho — / O escrivão da nobreza passe ao

suplicante / a certidão que pede do que constar, não ha / vendo em conveniente. Lisboa Occidental / vinte dois de Dezembro de mil e setecentos e / trinta e hum. Pereyra. / E vista por mim a dita sua petição, e despa / cho nesta posto, prouí o liuro da armaria deste / Reyno, e nelle a f. 264 está o registro do / theor seguinte. / Titulo. / Armas de Martins e Deuzes. / Escudo partido em palla, a primeira em / campo azul, hum castello de ouro Lavrado de / preto, e a porta delle hum coruo preto. A se / gunda palla, em campo de ouro huma Aguia / azul rompente, E por Timbre sinco penachos / dois de azul, e tres de ouro, entrecambados. / E á margem das ditas armas, está o seguinte. / Braço passado em Valhadolid, a tres de Julho / do anno de mil e seiscentos e sinco, são naturaes / das Asturias de Ouedo, fidalgos muyto anti / gos, que vierão a este Reyno, como adiante se dis / n.º 272. Cujas armas no Liuro que / de nouo se reformou da armaria, Intitullado, / Thezouro da Nobreza de Portugal, estão as / ditas armas a f. 263. /

E buscando no dito Liuro antigo o n.º 272 / achei as armas com o apellido de Los Diozes, que / são, escudo de ouro, com huma Aguia azul rom- / pente, com a margem seguinte. / São Asturianos, donde vierão a este Reyno / trez / Irmãos, hum delles fes seu asiento em Sezimbra, / e outro no Algarue, e delles viverão alguns em / a Cidade de Euora. Handão unidos com os / Martins de Deos, e são muyto honrados, e / Limpos, e ha delles muytos fidalgos, e cavallei- / ros, e comendadores, como se ue a f. 264. / Cujas armas estão no dito Liuro que de nouo / se reformou a f. 264 // No dito / No dito Liuro antigo a f. 199. Estão as / armas dos Martins, que são, em campo azul / hum Castello de Ouro, Lavrado de preto, e a porta / delle hum coruo preto. e a margem o seguinte. / São estes Mar-



Armas da família Martins de Deus segundo uma das versões de Pinho Leal

tins das Asturias de Ouedo, e / nierão para este Reyno, em tempo do Senhor Rey / D. João o 3.º por hauerem em sua patria tido / deza-venças, e matarem hum caualleiro, erão / tres Irmãos, como fica dito n.º 272. E em / França os ha, e tem caza e capella em Badajoz, / Estas armas no Livro reformado a f. 265. /

Esta geração dos Martins de Deos, procede / das Asturias de Ouedo, como constou de hum / Brazão que se passou em Valhadolid, e seus / descendentes justificarão pertencerlhe as ditas / armas, e serem os verdadeiros descendentes / das ditas familias, como lhe foi julgado, e sen / tenciado, pertencerlhe o dito Brazão de Armas / como consta de huma justificação que se fez / no anno de 1708. a qual foi sentenciada pello / Doutor Dezembargador Alexandre Botelho / de Moraes, dilgo Alexandre da Silva Correa / do // do Dezembargo de sua Magestade, Corregedor / do Civil, em trinta de Julho do dito anno asi / ma dito, cuja sentença se concerna neste cartorio / da Nobreza. /

Donde suposta a vnião que ouue destaz / duas familias dos Martins, e Deuzes, que ho / ie se concernuão vnidas, serem os mesmos contheudos na justificação do Brazão que de nouo se reformou, por petição que fez Miguel Martins de Deos, de que se lhe fez nouo registo em / o Livro 8.º dos ditos registos a f. 156. /

E não se conthem mais em os ditos / Liuros, aos quaes em todo e por todo, me / reporto, e por do sobre dito me ser man / dado passar a presente, por parte do / suplicante contheudo na petição retro, / lha passei, (ficando a propria neste carto / rio da nobreza do Reyno) em com / primento do despacho nella posto, / em fê de que vai por mim sottoscrita / e a sinada. Lisboa Occidental aos / vinte // vinte dois dias do mes de Janeiro do anno / do Nascimento de nosso senhor Jezu Christo / de mil e setecentos e trinta e doiz / Antonio Francisco e Sousa o sobs escrevi / e Asigney. / An.º Fran.º e Sousa.

Por estes documentos podemos reconstituir um pouco da familia *Martins de Deus* pelo menos desde que veiu das Asturias.

- 1 — João Martins de Deus, hespanhol, natural das Asturias de Ouedo, foi pae de
- 2 — Alvaro Martins de Deus, que foi pae de
- 3 — Lourenço Martins de Deus, Juiz dos Orphãos de Cezimbra que foi pae de

4 — Antonio Martins de Deus, Capitão-mór do Castello de Cezimbra que foi pae de

5 — Lourenço Martins de Deus que foi pae de

6 — Antonio Martins de Deus, natural d'Evora e morador em Cezimbra que foi pae de

7 — Lourenço Martins de Deus, natural de Cezimbra. Casou com D. Catharina Francisca de Paiva. D'este casamento nasceu :

8 — Miguel Martins de Deus, natural de Setubal, fidalgo da Cota d'Armas por carta de 7 de Outubro de 1731.

*
* * *

E' natural que depois de todos estes argumentos, ou seja depois de estar provado que existem umas armas de Martins que são cortadas tendo no primeiro um Castello e no segundo um corvo e de que as armas da familia «Deus», consistem n'uma aguia, ainda haja quem insista que aquella pedra esculpida que se encontra no edificio onde está installada a Camara Municipal de Cezimbra, não é uma má arrumação das armas dos «Martins de Deus» e que são as armas da Villa.

Naturalmente as pessoas que insistiam n'este ponto, julgavam que aquellas referencias que apresentei no estudo que fiz sobre as armas de Cezimbra e aquellas minhas supposições de que era uma má interpretação

das armas dos *Martins de Deus*, o que está esculpido na parede da Camara de Cezimbra, eram invenções minhas ou supposições erradas sem qualquer fundamento.

Providencialmente porém, apparecem muito depois os documentos que acima transcrevo e por elles, qualquer pessoa, mesmo levemente conhecedora de heraldica, não terá a menor duvida em interpretar as armas



Armas da familia Martins de Deus segundo G. L. dos Santos Ferreira

attribuidas a Cezimbra, apenas por estarem na parede do edificio da Camara, como sendo as armas da familia *Martins de Deus*, mal arrumadas. Com referencia ao Coelho que na mesma pedra está esculpido á porta do Castello, não passa do «cuervo» das armas dos Martins das Asturias.

No que acima expuz sobre confusões dos diferentes heraldistas que cito que por varias formas interpretaram as armas dos *Martins de Deus*, se pode avaliar como seria facil ao artista que esculpiu a pedra, collocar a agua encimando o castello e o coelho á porta do mesmo castello, como a final foi facil, d'umas armas cortadas tendo no primeiro um castello, e no segundo um corvo e tudo cercado por uma bordadura com estrellas, se fazer desaparecer a bordadura juntando o corvo ao castello, conforme se vê nos documentos acima.

Com referencia á confusão do «cuervo» com o «coelho», é facilissima de se dar pela confusão que ha entre as duas palavras, havendo em heraldica erros muito mais graves, como citarei por exemplo o engraçado erro dos Reis d'Armas terem por vezes dado a pessoas de appellido Soares, as armas de Joanes por no indice manuscrito do livro do registro das armas, confundirem o *S* com o *J* e o *N* com o *R*, lendo Soares por Joanes.

Isto é hoje conhecido de todos os heraldistas, conforme se vê explicado por exemplo no *Armorial* de Santos Ferreira nestes apellidos, que tambem nos prova que varios heraldistas dão aos «Feyos» as armas dos Feijós por confundirem o *y* com o *i j*.

Acêrca então de confusões nas peças, há casos engraçadissimos. A titulo de exemplo vou transcrever um periodo de paginas XII de «algumas palavras de introdução» do primeiro volume do «*Armorial Portuguez*» de G. L. dos Santos Ferreira :

— Conhecemos exemplos de «mosquetas de arminhos» se haverem... transformado em «flores de liz», flores de liz «em pombas voantes», «castelos» em «torres», «moletas» em «estrelas», «rosas» em «besantes», etc., e até sabemos de certo Palacio, em que se ostenta o escudo dos «Paes» cujo trimbre — «um pavão, de frente, com o leque aberto» — foi transformado em enorme «concha». —

Emfim inumeros casos dos mais extraordinarios se dão em heraldica, sendo um dos mais simples o transformar-se um «cuervo», n'um «coelho». Ainda o facto de nos apparecer a agua encimando o castello, se ex-

plica facilmente. Muitas pessoas, com pretenções a heraldistas, confundem, nas armas, o cortado com o partido.

Cortado diz-se do escudo que é dividido horizontalmente em duas partes iguais e partido diz-se do que é dividido verticalmente em duas partes iguais. Os erros foram tantos que muitos heraldistas passaram a dizer «cortado em faxa» e «partido em palla», o que em linguagem corrente é exactamente a mesma coisa que dizer «*subir* pela escada *acima*» ou «sahir pela porta fora».

Ora succede que as armas dos Martins descriptas por Piferer, tomo III, paginas 190, são : Escudo cortado ; el 1.º de azur y un castillo de plata ; el 2.º de oro y un cuervo pasante etc.

Para juntarem estas armas com as da Familia «Deus», continuou o escudo a ser cortado, collocando no 1.º as armas de «Deus» e no 2.º as de Martins juntando o corvo ao castello, arrumando-o á porta.

Naturalmente em Cezimbra não havia quem esculpisse as armas, como tambem não haveria quem as desenhasse, portanto descreveram-nas para encomendarem a esculptura e duma descripção deficiente ou de uma comprehensão errada d'um executante, sahiu o que lá está.

Agora outro ponto. Porque razão é que o Concelho de Cezimbra devia ter nas suas armas, a agua e o coelho?

Nas armas de dominio devem figurar elementos de historia ou vida local.

O que há em Cezimbra para figurar uma agua e um coelho nas suas armas ?

O Castello sim que bem merece alli figurar e se outras razões não houvesse para distinguir este Castello d'aquelles que figuram em tantas armas de dominio dos Concelhos de Portugal, poderiam figurar peixes que são a riqueza local, agora um coelho e uma agua ?

E depois que coincidencia engraçada. As armas de Cezimbra tinham uma agua, um castello e um coelho e as armas da familia *Martins de Deus*, que tanta importancia teve em Cezimbra, occupando alli os primeiros cargos em seculos passados, tinham uma agua, um castello e um corvo (cuervo)! Emfim, para terminar direi que os estudiosos de heraldica, não vacillarão em ser da minha opinião, agora as outras pessoas que não se dedicam a estes estudos poderão julgar o que quizerem, não havendo n'isto o menor prejuizo seja para quem fôr.



Armas esculpidas no Edificio da Camara Municipal de Cezimbra



LUIZ DE CAMÕES

ELEMENTOS DE ESTUDO

RETRATO DE CAMÕES PINTADO EM 1570
POR FERNANDO GOMES

Comunicação feita na Classe de Letras
da Academia das Sciencias de Lisboa, em sessão
de 23 de Julho de 1925.

EM Julho de 1924 houve cinco quintas feiras, tal como está succedendo em Julho corrente de 1925, coincidindo em Julho de 1924 as sessões da Classe de Letras na segunda e quarta, quintas feiras ou seja em 10 e 24 e as do actual mez em 9 e 23.

Antes das ferias academicas de 1924, a ultima sessão d'esta classe, foi a que se effectuou em 5.^a feira 24 de Julho, este anno a ultima sessão é a que está decorrendo em 5.^a feira 23 de Julho.

Portanto pelo dia da semana faz hoje um anno que amanhã se completa pelo dia do mez, que tive a grande satisfação de apresentar á classe um retrato inédito de Luiz de Camões.

Presidia sua Ex.^a o Sr. Dr. José Maria Rodrigues como Presidente da Classe de Letras e hoje sua Ex.^a Preside ainda como Presidente da mesma classe mas já depois de ter ascendido á mais alta dignidade da Academia das Sciencias de Lisboa que se honra de o ter por Presidente.

Foi pois perante a Classe de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa, presidida pelo mais cathegorizado Camoneanista de todos os tempos, o Ex.^{mo} Sr. Dr. José Maria Rodrigues, que eu tive a honra de dar a conhecer o retrato de Camões existente na Casa dos Marquezes do Rio Maior.

Motivou este facto os maiores louvores da Classe ao Illustre Representante dos Marquezes do Rio Maior, Ex.^{mo} Sr. D. João de Saldanha de Oliveira e Sousa, por ter permitido que se tornasse publica a existencia d'essa preciosidade e que se reproduzisse para que todo o mundo conhecesse, o mais antigo retrato de Luiz de

Camões, se bem que, feito pelo menos um anno depois do poeta ter morrido.

Ainda por me ter cabido a honra de apresentar e historiar o mesmo retrato e a iconographia do Poeta nos seculos XVI e XVII, terminada a referida comunicação, recebi os mais honrosos cumprimentos, ouvindo dizer ao Ex.^{mo} Sr. Almirante Almeida d'Eça, que com tal comunicação eram as sessões da Classe de Letras do anno academico de 1924, encerradas com chave d'ouro.

Depois de eu dar a conhecer tal preciosidade, varios escriptores portuguezes e estrangeiros se tem referido ao mesmo retrato de Góia pintado em 1581 conforme alguma coisa já disse no trabalho «Iconographia de Camões (seculos XVI e XVII)» que publiquei em 1924, não querendo agora deixar de me referir a duas grandes auctoridades portuguezas, uma na Litteratura e outra na Arte.

A paginas 83 da «Torre de Babel» do Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, interessantissimo volume publicado ha dois mezes talvez, vem um estudo intitulado «O retrato de Camões» que sua Ex.^a inicia por dizer que foi «A contribuição mais sensacional para o Centenario».

Deprehende-se do estudo do Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, o grande entusiasmo e a grande satisfação que lhe causou o apparecimento da illuminura da Casa Rio Maior, assim como se depreheende que tem muito receio de que haja technicos e criticos que venham a duvidar que a mesma illuminura date de facto de 1581.

Quando uma grande ventura se nos avizinha, ha naturalmente o instinctivo receio de que ella se não effectue.

O Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, contemplando a referida illuminura diz que no olhar de Camões — brilha uma luz fixa, intensa, que prescruta e medita, d'uma elevada espiritualidade, que impressiona. ¿ Logrou o ingenio desenhador transmittir uma alma a essa pupilla ou nós lh'a attribuímos com a nossa contemplação emocionada, com o fogo do nosso culto ?

Depois o Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo referindo-se ao facto do pintor ter o cuidado de registar os diferentes elementos que teve para a construcção do retrato, como seja os nomes dos informadores de como era a physionomia de Camões, não sendo porém clara a sua assignatura, diz que — é precisamente esta circumstancia que me leva a guardar algumas reservas, até que a critica iconographica se pronuncie quanto á maneira artistica, ás cores, á technica e ao papel. —

Depois mais adiante diz — Esperemos que a nossa emoção se acalme, que a critica d'arte confirme tecnicamente tratar-se d'uma obra autentica do seculo XVI — Em seguida a muitas outras considerações diz ainda o mesmo erudito escritor — Isto não é scepticismo, é prudencia, é reserva cautelosa. —

Na Revista «America Brasileira», Ano III, N.º 33, Setembro de 1924, publicada no Rio de Janeiro sob a direcção do erudito escritor Elysio de Carvalho, a paginas 294, na secção «Portugalia», com o titulo «O retrato de Camões», além de larga referencia á minha comunicação de 24 de Julho de 1924, cita um artigo publicado pouco antes no jornal diario da mesma cidade «O Jornal», pelo Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, que julgo ser o mesmo a que acima me referi e vem publicado como disse no livro «Torre de Babel».

A mesma revista termina estas citações com o seguinte período.

— O assumpto é d'aquelles que exigem muita prudencia, e é de esperar que os criticos d'arte e os eruditos estabeleçam a autenticidade da obra, mediante a applicação de todos os metodos modernos de investigação tecnica e historica ao seu alcance. —

Há um mez aproximadamente, foi publicado um «Fasciculo Camoneano» — da Revista de Estudos Portugueses — «Lusitania», onde a paginas 291 o Sr. Dr. José de Figueiredo, considerado estudioso d'arte, sobre o retrato da Casa Rio Maior diz: que o retrato de Camões apresentado por Manuel Severim em 1624 nos seus «Discursos Varios Politicos», é uma variante, com ligeiras modificações do da Casa Rio Maior.

Depois diz — Este ultimo não pode já agora assim deixar de ser considerado como o prototipo de todas as imagens de Camões. —

Mais adiante o Sr. Dr. José de Figueiredo diz — De lamentar é só que esta não possa ter, iconograficamente, senão um relativo valor por não ser feita do natural ou não ter, pelo menos, sido realisada quando ainda o Poeta vivia. —

De facto, neste ultimo periodo, define o Sr. Dr. José de Figueiredo, a ambição de todos os portugueses e de todos os estudiosos do resto do mundo que se tem dedicado á obra de Camões. O conhecer-se o seu verdadeiro retrato.

Todos dizem, todos repetem que é extraordinario que Camões não tivesse sido retratado em vida. Morreu Camões em 1580 e o primeiro retrato que apparece é o apresentado por Manuel Severim em 1624 ou seja 44

annos depois, portanto quando appareceu o retrato da Casa Rio Maior, feito na India em 1581, rejubilaram os admiradores do Poeta por haver um retrato mais proximo do fim da vida do poeta, apesar do que tendo elle sahido da India em 1567, esse retrato foi feito 14 annos depois dos seus companheiros já o não verem.

Com referencia ás duvidas cathegoricamente levantadas pelo Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo e pela Revista «America Brasileira» sobre a autenticidade da pintura de Goa, responde o Sr. Dr. José de Figueiredo dizendo:

— Sobre a autenticidade da illuminura, não pode haver duvidas, como não há duvida tambem de que, ao servir-se della, o autor do desenho, gravado por Paulus, teve o cuidado de tirar-lhe o caracter oriental que o mesmo acusa e, logicamente, a envelheceu ainda, dando-nos o Camões tal como elle o supoz já em Lisboa e de regresso da India. Igualmente se não esqueceu de o romanizar á maneira do que era, há muito, corrente com os Poetas que a posteridade definitivamente consagrava. É esta, pelo menos para nós, a conclusão que se impõe. —

Depois de varias outras considerações, diz ainda o Sr. Dr. José de Figueiredo:

— Alem disso e para que não fiquem duvidas de que a illuminura da Casa Rio Maior foi a origem dos retratos que se conhecem do grande epico, há ainda o facto de que o retrato de Severim e os demais nada mostram das characteristics dos retratos dos nossos pintores da época e que são as que se podem ver nas telas de Cristovão de Moraes. —

São evidentemente as surpresas que apparecem aos estudiosos, que os animam a caminharem de pesquisa em pesquisa, muitas vezes ainda depois de considerarem um caso arrumado. Encontrei o Retrato de Goa e encontrei ao lado desse retrato a patriotica auctorisação do seu proprietario o Sr. D. João de Saldanha de Oliveira e Sousa, para o reproduzir fotograficamente para o apresentar na secção de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa.

Como se vê pelo que acima deixo exposto, alguns estudiosos, — considerados auctoridades, — disseram da sua justiça publicamente sobre o valor da illuminura de Goa.

Particularmente recebi communicações das mais extraordinarias manifestações de apreço pelo aparecimento da mesma illuminura desde a Universidade de Londres, passando pelos centros de estudo da Espanha, que foi o primeiro paiz depois de Portugal que publicou os Luziadas, indo pela Europa fóra até á sociedade scientifica, artistica e litteraria Luiz de Camões, de Napoles.

Quando ajudei a organizar a Exposição Camoneana que em 8 de junho de 1924 se inaugurou no Museu do Carmo por iniciativa da Associação dos Archeologos Portugueses para comemorar o 4.º centenario do nascimento do Poeta, fui expontaneamente solicitar do digno socio da mesma Instituição Scientifica o Ex.^{mo} Sr. Pedro

de Carvalho Monteiro, que como homenagem ao immortal nome do seu illustre Pae, o maior entusiasta portuguez do Culto Camoneano, que concorresse a essa exposição com objectos colecionados com a paciencia inegualavel e com o notavel carinho patriotico do Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.

Apesar de coincidir a referida exposição com a mudança da preciosa Biblioteca e colossal Arquivo bibliographico, do Palacio do Largo do Barão de Quintella para o Palacio de Bemfica, sua Ex.^a immediatamente me deu entrada na mesma Biblioteca e Arquivo, assim como no seu admiravel Museu, para eu escolher o que desejasse para a mesma exposição.

Foi-me então dado admirar o que eram as interminaveis collecções que esse grande benemerito da sciencia que foi o Dr. Carvalho Monteiro, acumulou e onde se salienta um verdadeiro Museu Camoneano.

Quando no dia immediato á minha communicação na Academia, sobre o retrato de Goa, soube que o Sr. Dr. Carvalho Monteiro quiz adquirir este retrato, conforme relato a paginas 15 do meu trabalho «Iconographia de Camões (seculos XVI e XVII)». Lisboa 1924, occorreu-me a ideia de que tendo sido sua Ex.^a um colleccionador infatigavel de tudo quanto dissesse respeito a Camões, poderia muito bem ser que alguma novidade iconographica existisse no seu Archivo.

E de facto assim era!!...

Tem que haver uma revolução no que está dito sobre Iconographia Camoneana.

Temos que pôr as coisas no seu lugar e temos que voltar mais atraz de 1581, ou seja do Retrato de Goa.

Manuel Severim de Faria, o Chantre e Conego da Santa Sé d'Evora, nos seus «Discursos Varios Politicos» impressos em 1624 na mesma cidade, apresenta um retrato de Camões, que o seu sobrinho Gaspar Severim de Faria mandou gravar a A. Paulus.

D'esta gravura diz Manuel Severim de Faria a paginas 132 que foi esculpido em bronze — *o seu natural retrato*.

Depois no fim do elogio que faz a Camões diz — Chegou porém 43 annos depois de morto o bem merecido galardão a suas obras procurando o agradecimento livralo da adversidade da fortuna, e esquecimento da morte com este novo genero de estatua, que Gaspar de Faria Severim primeiro lhe levantou, enquanto outros de marmore, e de ouro lhas preparão — Anno 1622. — Logo a seguir diz :

— Deste modo ficará a imagem do nosso Poeta orando as livrarias e casas das sciencias, com grande gosto dos doutos, e curiosos, os quaes já em tempo de Plinio (lib. 35. c. 2) costumavam ter ornados os rostos d'aquelles, cujos animos conservavam retratados no mesmo lugar em suas obras. E era este costume tão usado em Roma, que até os retratos que não havia, se fingião, como aconteceu ao de Humero. —

Depois diz :

— N'este retrato ficou Luiz de Camões avantajado a qualquer grande estatua por maravilhosa...

Ora parece que Manuel Severim de Faria falla como se a gravura que reproduz fosse feita sobre um retrato directo do poeta.

Manuel de Faria e Sousa, referindo-se ao retrato de Camões no § IX da Advertencia da sua obra, diz :

— El retrato del Poeta se sacó bien parecido a otro que era original, mandado hacer por su amigo el Licenciado Manuel Correa, al tiempo que se tratavã em Lisboa, que es de creer seria despues que vino de la India ; porque no le pudo tratar antes, pues desde quãdo el Poeta saliò de Lisboa, hasta el año em que murió el Correa, vãn mas de 60 i pocos mas devia èl tener quando morió. De que se sigue que este retrato es de los ultimos dias del Poeta. —

Ora o retrato que Faria e Sousa apresenta é copia do apresentado em 1624 por Manuel Severim de Faria, em todo o caso pode muito bem ter succedido que alguma coisa de verdade houvesse em Manuel Correia possuir um retrato do Poeta como adiante veremos.

A senhora D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, n'uma nota á traducção que fez á «Vida e Obras de Luiz de Camões» por Wilhelme Storck, diz que o unico retrato verdadeiro é o mandado gravar por Gaspar de Faria Severim sobre uma pintura coeva que pertencera a Manuel Correa, e que serviu de modelo a todos os posteriores.

Julguei sempre que muita phantasia havia em tudo isto que se diz do retrato, por julgar que seria uma invenção o ter Manuel Correia possuido um retrato coevo, ou seja um retrato directo de Luiz de Camões.

Agora porém pode ser modificada esta ideia.

Hoje venho perante a Classe de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa, apresentar uma colossal novidade iconographica sobre Camões e extraordinarias referencias ao original dos Luziadas.

Ha um anno constava a minha communicação sobre o grande Epico, da apresentação de um retrato interessantissimo feito na India em 1581 que existe em casa dos Marquezes de Rio Maior e que em face do que encontrei agora, deixa de ser considerado o mais antigo retrato do Poeta, ficando porém com aquella importancia e valor que lhe são devidos por ser a representação da interpretação que na India deram á imagem de Camões em 1581.

Apezar d'esse retrato ter sido pintado um ano, pelo menos, depois da sua morte, é natural que as pessoas que dêram as informações para a construção do mesmo retrato, tivessem visto Camões pela ultima vez em fins de Setembro de 1567 quando embarcou para Portugal, portanto, 14 anos antes de pintarem o referido retrato.

Depois do terremoto de 1 de Novembro de 1755, que deixou Lisboa quasi por completo reduzida a cinzas e escombros, pois que o incendio completou a calamidade, houve o cuidado de recolher o que escapou.

O 6.º Conde da Ericeira e 2.º Marquez de Louriçal, D. Francisco Xavier Rafael de Menezes, era como muito bem se sabe, Senhor do riquissimo Palacio da Annuciada, onde existia uma das melhores bibliotecas particulares d'essa época.

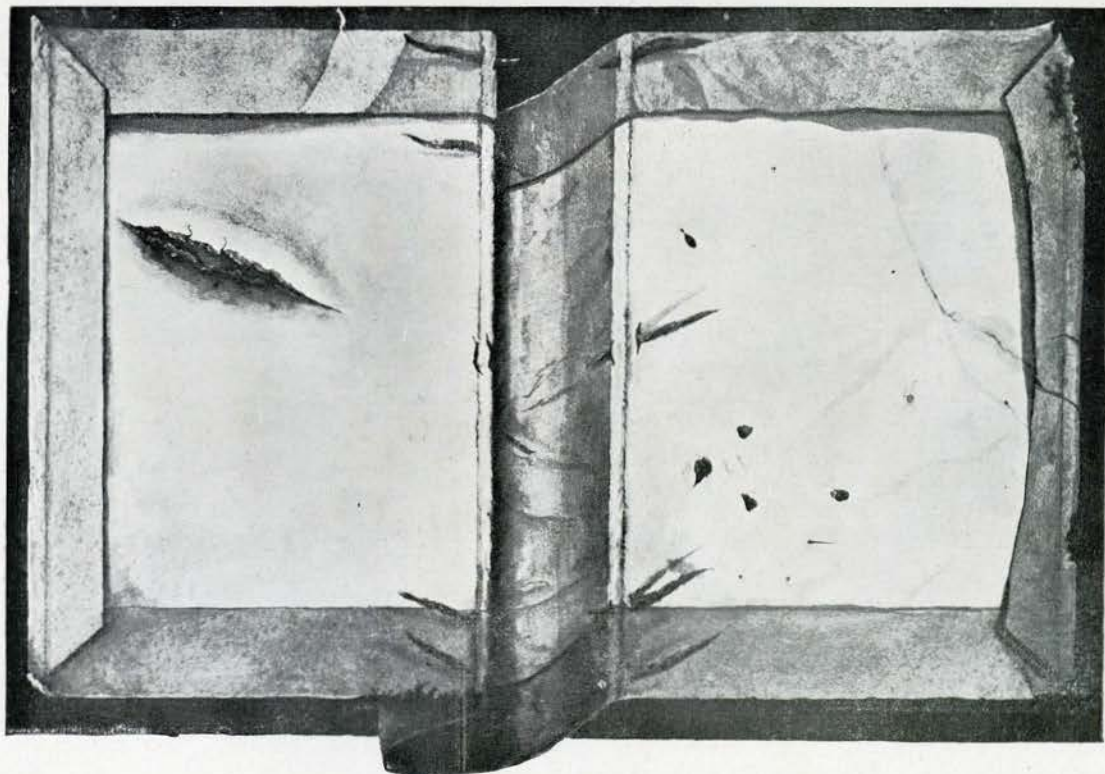
Terminou o incendio que se succedeu ao referido terremoto e que destruiu quasi por completo o Palacio da Annuciada. Da Biblioteca e Arquivo pouco escapou,

o que foi consentido, sendo encarregado d'essa missão um illuminador cujo nome tinha por iniciais um C, um L e um R, ou só um L e um R cercados por um rabisco.



N'um caderno de papel de formato grande, foi minuciosamente desenhado e copiado fielmente o recheio do sacco de sêda verde.

Esses restos constavam da capa em pergaminho que encadernou o original dos Lusíadas, d'uma folha de papel em branco que constituía uma guarda do livro, d'uma portada e do retrato de Luiz de Camões. A portada é datada de 1570,



Estampa 1.ª / Cópia de pergaminho. / Nada tem escripto. // (mede 0,371 por 0,262)

sendo encarregado de recolher os restantes livros e documentos um empregado da Casa de nome José Coelho da Silva que encontrou dentro de um sacco de sêda verde uns restos do original dos Lusíadas de Luis de Camões. Dentro do mesmo sacco continuaram esses restos na posse do Marquez de Louriçal e Conde da Ericeira.

O 2.º Duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança Ligne Tavares Mascarenhas da Silva, fundador da Academia das Sciencias de Lisboa, sabendo do grande achado, pediu ao Conde da Ericeira se lhe permitia que mandasse copiar esses restos do Original dos Lusíadas,

portanto foi feita dois annos antes de ter sido publicada a primeira edição dos Lusíadas, e tem o seguinte titulo :

«Este livro mandou faser o Senhor Conde de Vimioso pera os cantos de Luis de Camões. Tem o retrato do mesmo, E forã tirados dos borroës. E delle vistos E.ª —

É colorida esta portada tendo illuminadas as armas do Conde de Vimioso.

Depois apparece-nos o retrato de Camões que pela data da portada do livro se depreende que foi feito em 1570 ou seja, dois annos depois do seu regresso da India.

Está vestido com traje de Corte. Este preciosissimo retrato resolve um problema que tão debatido tem sido, por nunca se ter podido ver bem o feitiço da cabeça do Poeta que Gaspar de Faria Severim mandou gravar coroado de Louros.

Foi a cabeça de Camões completamente deformada por causa da coroa referida, verificando-se agora por este retrato que tenho hoje a satisfação de apresentar, que a fronte de Camões é absolutamenta regular, e não, como os estudiosos teem dito, que tinha a cabeça grande, arredondada, de brachycephalo, como ainda ultimamente nos disse o Illustre Academico Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo a pag. 85 da sua «Torre de Babel».

Mostra-nos este retrato a palpebra direita retalhada pelos ferimentos soffridos e pelo mesmo se verifica que todos os retratos que se tem feito de Camões, são baseados n'este, pois está exactamente na mesma posição e com a mesma gola encanudada.

Gaspar de Faria Severim para oferecer a seu tio Manuel Severim de Faria, mandou gravar o retrato de Camões, substituindo-lhe o gibão de seda golpeado, por uma armadura de guerreiro e, cercando-lhe a fronte, mandou gravar uma coroa de louros, o mais, é tudo copia do retrato que apresento hoje. Foi esta imagem de Luiz de Camões pintada por Fernando Gomes que em 1578 nos apparece a folhas 102 do Livro de Notas de Balthazar de Montalvo, n'um instrumento de fiança por Estacio Mathias, dando o mesmo Fernando Gomes como pintor e morador da Calçada do Congro, tendo já mais de 25 annos.

Este documento foi transcripto pelo Dr. Virgilio Correia a pgs. 69 do Fasciculo I do Boletim de Arte e Archeologia. 1921.

O Dr. Virgilio Correia apresenta-nos a assignatura do mesmo pintor que se vê ser da mesma pessoa que em 1570 pintou e assignou o retrato de Camões, com a differença porém de que no retrato está «Fernando» e não «Fernão» como se vê no documento referido pelo Dr. Virgilio Correia.



Sousa Viterbo na sua obra «Noticias de alguns pintores portuguezes etc.», além de varios elementos biographicos, lá nos dá sob n.º 55 uma carta de 13 de Maio de 1594 em que Fillipe I nomeia Fernando Gomes seu pintor.

Emfim, parece-me que se pode considerar preenchida a grande falta que existia, de não haver um retrato de Camões desenhado directamente.

Foi o Sr. Dr. Carvalho Monteiro de saudosa memoria, que recolheu esta preciosidade e que a conservou na sua riquissima collecção Camoneana e foi seu Illustre

filho o Sr. Pedro de Carvalho Monteiro, quem permitiu que eu tivesse a magna felicidade de o apresentar ao Mundo por intermedio da Academia das Sciencias de Lisboa a que tanto me honro de pertencer como o mais humilde dos seus collaboradores.

A minha contribuição para este grande successo apenas constou em solicitar do Sr. Pedro de Carvalho Monteiro, que mandasse procurar por entre a enorme collecção Camoneana religiosamente organizada pelo seu fallecido Pae, se existiriam alguns elementos iconographicos de Camões, tendo favorecido immenso este achado o facto de coincidir a procura com a mudança do archivo e bibliotheca do mesmo Ex.^{mo} Sr., do Palacio do Largo do Barão de Quintella para o Palacio de Bemfica.

E' para o Sr. Pedro de Carvalho Monteiro que eu peço todos os louvores da Academia das Sciencias e de todos aquelles que admiram o grande epico.

Ainda direi que junto aos desenhos feitos depois do terramoto de 1755, ha umas explicações que nos veem dar a conhecer que do mesmo terramoto escapou o original dos Lusiadas que o Conde de Vimioso mandou encadernar em 1570 e que faziam parte das preciosidades que são motivo d'esta minha communicação e que estavam em poder de D. Gastão da Camara Coutinho, Senhor das Ilhas Desertas, que o tinham herdado de seus maiores.

Segue-se portanto, que tambem fica desfeita a lenda de que o original dos Lusiadas tinha desaparecido pelo terramoto de 1755.

Existia tudo depois desta calamidade, sendo portanto natural que ainda existam hoje não só o recheio do sacco de seda verde, como o original dos Lusiadas, visto que tudo existia ha 170 annos. Iremos procurar.

Conjugando mais este elemento iconographico do grande Poeta com os elementos que apresentei na communicação que aqui fiz ha um anno e revendo tudo quanto se tem dito sobre o retrato de Camões, parece-me hoje que será uma tarefa facil o organizar um estudo util que em breve apresentarei.

Em conclusão:

— D. Francisco de Portugal, 1.º Conde de Vimioso, foi pae de D. Manuel de Portugal, poeta, amigo e protector de Luis de Camões. O irmão primogenito deste D. Manuel de Portugal, foi D. Affonso de Portugal, 2.º Conde de Vimioso, nascido em 1519 e que tambem se dedicou ás letras e foi amigo de Camões. Pelo que se conhece da vida do grande Poeta, ha a certeza de que não tinha recursos para imprimir a sua obra, portanto, ofereceu-a ao 2.º Conde de Vimioso que, chamando o pintor Fernando Gomes, lhe encomendou o retrato de Camões e uma portada para o original dos Lusiadas.

O livro foi encadernado com a respectiva portada e retrato em 1570.

Poderia o Conde de Vimioso mandar reproduzir a mesma portada na edição que mandou fazer e que ap-



Estampa 2.ª Rosto ou frontespício do / m.ª Tem escripto debaixo das armas do / Conde de Vimiozo, (antepassado do Conde de / Vimiozo que foi frade em Almada,) o seguinte : / -Este Livro mandou fazer o Senhor Conde de Vimiozo / pera os Cantos de Luis de Camões. Tem o retrato / do mesmo, e foram tirados dos borrões e d'elle vistos &c. > // (tamanho natural).

parece com a data de 1572, mas como acção de grande Senhor que era, fez apparecer os Luziadas sem qualquer referencia á pessoa que pagou as despesas.

A portada, o retrato e a capa que encadernou o grande poema, assim como o original manuscrito, andaram não se sabe por onde.

¿Teria ido então parar ás mãos de Manuel Correia o retrato e portanto a portada mandada fazer pelo Conde de Vimioso? Não sei... O que é facto é que em 1755, tudo isto existia dentro de um sacco verde, no arquivo do Conde da Ericeira e Marquez de Lourical, e o original dos Luziadas em poder de D. Gastão da Camara Coutinho.

Depreende-se principalmente d'estes elementos, que o grande Poeta Luis de Camões não tinha uma cabeça monstruosa como nos apparece no retrato da Casa Rio Maior (1581), no gravado por Paulos (1622), no desenhado por Manuel de Faria e Sousa (1636), no gravado por Pedro de Villa Franca (1639) e em todos os outros que se lhe seguiram e repisaram estes.

Depreende-se ainda que quem pagou a primeira edição dos Luziadas foi D. Affonso de Portugal, 2.º Conde de Vimioso que era mais velho uns 5 annos do que Camões.

Depreende-se mais que em 1755 existia o original dos Luziadas em poder de D. Gastão da Camara Coutinho e finalmente

Depreende-se que em 1755 existia em poder do Conde da Ericeira um retrato directo do grande Epico pintado por Fernando Gomes em 1570 e de que temos hoje uma minuciosa copia.

Finalmente, devemos á grandesa d'alma e ao acendrado patriotismo do Ex.º Sr. Pedro de Carvalho Monteiro, o poder ser encerrado o anno academico da Academia das Sciencias de Lisboa, com o conhecimento das mais sensacionais noticias dos ultimos tempos, sobre a iconografia e obra do maior poeta da nossa terra e um dos maiores do mundo, o Grande Luiz de Camões.

Seria muito interessante que a Classe de Letras da Academia de Sciencias nomeasse uma commissão para tentar seguir o caminho que levaram os documentos citados, durante os 170 annos que teem decorrido desde 1755.

*

* * *

Terminou aqui a minha communicação no meio dos maiores applausos de todos os presentes que largamente manifestaram o seu grande contentamento por verem uma copia d'um retrato do grande poeta, feito em sua vida.



O ORIGINAL DOS LUSIADAS

Comunicação feita na Classe de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa em sessão de 10 de Dezembro de 1925.

UM dos factos mais notaveis dos ultimos tempos, sobre a obra de Camões, é com certeza a noticia de que o original dos Luziadas não tinha sido victima do terramoto de 1755 nem dos inumeros incendios que o mesmo cataclismo motivou e que completaram a destruição de quasi toda a cidade de Lisboa.

Ao ler em 14 de Julho do corrente anno de 1925, o precioso manuscrito existente n'aquella collecção fabulosa sobre tudo quanto se refira a Camões, que foi organizada pelo nunca jámais esquecido Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, vi que depois de 1755 existia o original do retrato de Luiz de Camões.

Quando em 23 do mesmo mez de Julho, apresentei á classe de letras da Academia das Sciencias de Lisboa, por especialissima deferencia do Ex.º Sr. Pedro de Carvalho Monteiro, as photographias do retrato de Camões, da portada, da encadernação e de uma das guardas do original dos Luziadas, disse que tudo isso tinha sido copiado a seguir ao terramoto de 1755 por não ter tido tempo de formular melhor opinião entre o dia 14 em que li os documentos que estavam annexos ás mesmas illuminuras e o dia 23 em que apresentei as photographias na sessão referida da Academia. Hoje já quasi que posso afirmar que é muito posterior a 1755 a notavel e preciosa copia que religiosamente foi recolhida pelo Camoneanista de saudosa memoria Sr. Dr. Carvalho Monteiro.

Quanto mais modernos forem estes elementos mais proximo de nós está a certeza da existencia do original dos Luziadas e do original do retrato do grande epico.

Diz o auctor da noticia em questão que na occasião em que a escreveu existia o original dos Luziadas, por herança de seus maiores, em poder de D. Gastão da Camara Coutinho, Senhor das Ilhas Desertas.

¿Quando viveu D. Gastão da Camara Coutinho, senhor das Ilhas Desertas?

De facto o Ilheu Chão e a Grande Deserta foram doados aos Camaras Coutinhos e entre os donatarios d'este appellido, encontro :

— D. Gastão José da Camara Coutinho, que nasceu em 1662 e morreu em 1736 e foi Alcaide Mór de Torres Vedras, Vedor da Casa das Rainhas D. Maria Sophia e D. Marianna d'Austria, Estribeiro Mór d'esta ultima Senhora, Coronel de um Regimento de Ordenanças, etc., e

— D. Gastão da Camara Coutinho Pereira de Sande que nasceu a 2-7-1794 e morreu em 27-3-1866. Foi coronel de cavallaria. Fez as ultimas campanhas da guerra peninsular. Esteve com D. João VI no Brazil e por decreto de 3 de Julho de 1823 foi elevado a Conde da



Estampa 3.ª Retrato de Luis de Camões / o unico que dizem existir, e sêr tirado do natural / Fernando Gomes fêz em LX.ª // (tamanho natural)

Taipa. Em 1826 foi um dos primeiros Pares do Reino nomeados. Quando do golpe de Estado dado por D. Miguel em 1828, emigrou para Inglaterra voltando depois com o Duque de Saldanha.

São estes os unicos senhores das Ilhas Desertas que encontro com o nome de Gastão.

O primeiro que cito, morreu em 1736, portanto antes do terremoto; o segundo é que devia ter sido o proprietario do referido original dos Lusiadas.

Se já fosse Conde da Taipa quando foram escriptos os elementos referidos que estão juntos á copia do retrato de Camões, seria evidentemente citado com este titulo pois que outras pessoas que alli figuram, são tratadas pelos respectivos titulos.

Deprehendemos portanto, que existia o original dos Lusiadas em 3 de Julho de 1823 em que foi elevado a Conde. Era filho de D. Luiz Gonçalves da Camara Coutinho Pereira de Sande, que nasceu a 9-3-1758 e de sua mulher D. Maria de Noronha, nascida em 3-4-1767, filha dos 7.^{os} Condes dos Arcos. Ainda não sei quando morreu D. Luiz Gonçalves da Camara Coutinho que tinha 36 annos quando nasceu seu filho D. Gastão. O conhecimento da morte de D. Luiz já nos pode indicar a data em que D. Gastão estava na posse do original dos Lusiadas visto que o possuia por successão a seus maiores.

Outro ponto da questão :

¿ Quem era José Coelho da Silva que diz o manuscrito referido encontrou na Bibliotheca dos Condes da Ericeira e Marquezes do Lourical um sacco verde que escapou ao terramoto de 1755 e onde estava o original do retrato de Camões e a portada do original dos Lusiadas?

Encontro no Dicionario de Innocencio um Padre José Coelho da Silva, nascido em 25-10-1796, sacerdote da Missão para onde entrou em 8-10-1813. Publicou: Memoria Historica e asctica da vida do Padre Miguel André Biancard, etc., em 1848. — Vida da veneravel Luisa de Marillac, etc., em 1840 e O Alimento da Alma Christã, etc., em 1847.

Não será o mesmo?

Pelo terremoto de 1755 ardeu grande parte do Palacio dos Condes da Ericeira e Marquezes de Lourical. Pelo manuscrito referido, fica-se sabendo que escapou parte do archivo, mas não diz quando foi o sacco verde encontrado, portanto, poderia ter sido immediatamente ou muito depois, como se nos está afigurando.

Ainda nos diz o incognito auctor do manuscrito, que o retrato de Camões como aliaz se deprehe de da portada que lhe está junta, foi mandado fazer pelo Conde de Vimioso — *ascendente d'aquelle que agora se encontra no Convento de Almada.*

Este «agora», refere-se á occasião em que foi feito o manuscrito e illuminuras referentes que pertencem ao Sr. Pedro de Carvalho Monteiro?

¿ Quem foi o Conde de Vimioso que esteve no Convento d'Almada?

Foi habito antigo o irem varias pessoas de cathogoria hospedar-se em Conventos, fazendo assim um repouso que deveria ser muito agradável.

Ora, como julgo que a copia do retrato original de Camões, foi feita já no seculo XIX, no seu principio, até 3 de Julho de 1823, por ser esta a data em que D. Gastão da Camara Coutinho foi feito Conde da Taipa, temos que seria Conde de Vimioso D. José Bernardino de Portugal e Castro, 12.^o Conde d'este titulo e 5.^o Marquez de Valença, que nasceu em 20-5-1780 e morreu em 26-2-1840.

? Teria o 12.^o Conde de Vimioso estado alguma vez hospedado no Convento da Ordem Dominicana da invocação de S. Paulo em Almada?

Sabido isto, e sabido em que época alli esteve o mesmo Conde, temos a data em que o retrato de Camões foi copiado e temos portanto a data em que ha a certeza de que existia o original do mesmo retrato e o original dos Lusiadas.

O Conde da Taipa, D. Gastão da Camara Coutinho é que era o possuidor do original tão discutido. Quem tem hoje a Bibliotheca ou archivo deste titular? Foi politico, emigrou. ? Teria levado esta preciosidade para Inglaterra?

Depreende-se da portada que em 1570 mandou illuminar o 2.^o Conde de Vimioso, D. Affonso de Portugal, que o exemplar dos Lusiadas a que vimos chamando original, era uma copia, mandada fazer pelo mesmo Conde, dos borrões da mão do imortal autor e por elle revista. Portanto da letra de Luiz de Camões, deveriam apenas ser as emendas, pois que naturalmente os borrões, teriam sido inutilizados depois de feita a copia e de emendada pelo autor, ficando com a categoria de original.

? Onde estará, hoje, essa preciosidade?

Eu não descanço de procurar, mas muito desejava que todos os portugueses procurassem, que todos tentassem gritar:—O original dos Lusiadas está em tal sitio!... —O original do retrato de Camões existe em tal ponto!...

Agora mais uma pergunta :

Quem foi o illuminador que copiou o retrato de Camões, a portada dos Lusiadas e os restantes desenhos que estão no archivo da Illustre Casa Carvalho Monteiro?

Apenas um monograma assinala esses preciosos desenhos, composto de um *L* e de um *R* e talvez de um *C*, que tambem pôde apenas ser um ornato limitando o monograma.

Na Reunião da Classe de Letras da nossa Academia, efectuada em 23 de julho ultimo, foi nomeada uma Comissão composta de todos os presentes para procurar por todas as formas encontrar o original dos Lusiadas e o original do retrato do Poeta.

Imediatamente esta Comissão nomeou uma Sub Comissão composta pelos Snr. Ferreira Lima, Gustavo Matos Sequeira e por mim.

Alvitrou o Ex.^{mo} Presidente, Sr. Dr. José Maria Rodrigues que se procurassem informações no Archivo da Casa Lafões, ao que informei de que já tinha solicitado essas informações esperando que em breve me fossem dadas, apesar de um Duque de Lafões ter solicitado a um Conde da Ericeira para que o retrato de Camões e a portada do original dos Lusíadas, ser copiada, razão evidente de que não existiam no Archivo da Casa Lafões as mesmas preciosidades, podiam ellas mais tarde alli ter dado entrada pelo casamento em 29 de Janeiro de 1788 da senhora D. Henriqueta Maria Julia de Lorena e Menezes, filha herdeira do 5.^o Marquez de Marialva, com o Sr. D. João Carlos de Bragança, 2.^o Duque de Lafões.

A Casa dos Condes da Ericeira e Marquezes do Louriçal, extinguiu-se no 8.^o Conde do primeiro titulo e 4.^o Marquez do 2.^o, D. Luiz Eusebio Maria de Menezes da Silveira que era casado com D. Joaquina de Menezes, filha 2.^a do 5.^o Marquez de Marialva referido e portanto irmã mais nova da 2.^a Duquesa de Lafões.

Emfim, valia muito a pena sollicitar da Ex.^{ma} Casa Lafões uma informação cathogorica sobre a possibilidade da existencia ou não dos elementos que se procuravam ou ao menos do conhecimento tradicional se taes preciosidades teriam alguma vez sido incorporadas no Archivo da Casa.

Tinha eu já procurado o Ex.^{mo} Sr. Duque de Miranda do Corvo, filho primogenito do Ex.^{mo} Sr. Duque de Lafões e pedi-lhe esclarecimentos sobre o caso e ainda, se existiriam alguns elementos ou apontamentos do Sr. Duque de Lafões fundador da Academia ou do Sr. Duque de Lafões que existia no primeiro quartel do Seculo XIX, que por qualquer forma se referissem ao original dos Lusíadas.

Respondeu-me o Sr. Duque de Miranda, que nunca tinha ouvido dizer que o retrato de Camões e portada dos Lusíadas tivessem entrado no archivo da Casa, mas que fallaria com seu Pae e tentaria colher elementos para auxiliar tão interessante campanha.

De facto, com data de 26-7-1925, recebi a seguinte carta :

Ex.^{ma} Senhor Affonso de Dornellas. Só agora me é possível dar-lhe as informações que ha tempos me pediu sobre o que porventura na biblioteca do Palacio do Grillo podesse haver com referencia a Camões, podendo desde já garantir a V. Ex.^a da maneira mais absoluta de que nada ha. Sobre papeis referentes a assumptos da Academia Real das Sciencias, é bem notório que o Duque de Lafões D. João tudo entregava á Academia. Entretanto após a morte do Duque de Lafões D. Segismundo, seu genro, foram encontrados no seu espolio diferentes volumes de papeis cintados com um letreiro (provavelmente escripto pelo proprio D. João) e que assim dizia : «Papeis do Duque D. João referentes a assumptos Academicos, para queimar», tendo sido esta disposição fielmente cumprida por D. Pedro de Portugal e Castro, genro do citado Duque D. Segismundo. O material tanto em livros como em manuscritos que actualmente no Palacio do Grillo existe, é de caracter muito particular e administrativo, sem interesse historico-literario, sendo de grande escassez devido a, entre outros

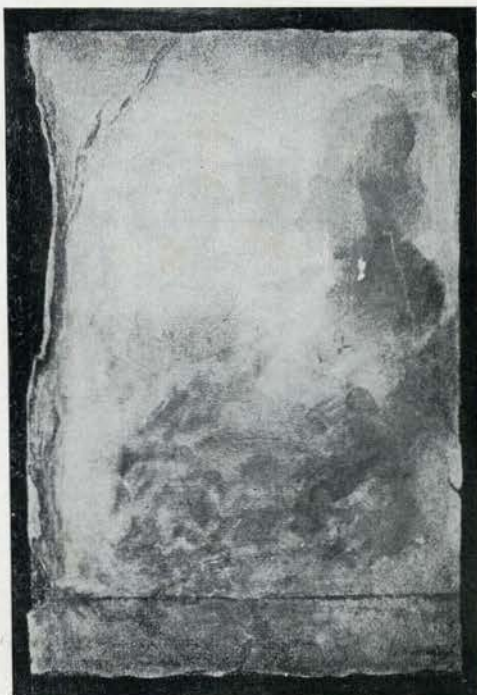
factos: o cataclismo de 1755 que arrazou e queimou o Palacio dos Marquezas de Arronches, ascendentes do Duque D. João, na Calçada do Sacramento; ás invasões francezas, ás guerras civis, ao exilio de perto de 20 anos dos Duques de Lafões D. Segismundo e Dona Anna, e mais tarde á venda de manuscritos e volumes que constituíam a biblioteca do Palacio do Grillo. Aqui tem o que se me oferece dizer sobre o assumpto. Não quero terminar sem primeiramente enviar a V. Ex.^a as minhas mais sinceras e entusiasticas felicitações pela brilhante e importantissima comunicação que acaba de fazer á Academia das Sciencias, ácerca do descobrimento do verdadeiro retrato do nosso epico. Sem outro assumpto, creia-me com sympathia e admiração. De V. Ex.^a Mt.^o Att.^o (a) *Duque de Miranda do Corvo.*

No dia seguinte escrevi a Sua Ex.^a a seguinte carta :

Ex.^{mo} Sr. Duque de Miranda do Corvo. — Avenida Duque de Loulé, n.^o 50. — Acabo de receber a amabilissima carta de V. Ex.^a, d'hontem, que muito e muito agradeço. São preciosos os dados que V. Ex.^a me dá sobre a Bibliotheca e Archivo dos Ex.^{mos} Duques de Lafões, ascendentes de V. Ex.^a, mas desculpe-me que ainda venha fazer umas perguntas. Não existirá qualquer indice ou catalogo da Bibliotheca e Archivo? Não haverá tradição de que existiu na mesma Bibliotheca o original dos Lusíadas? Desculpe-me V. Ex.^a esta impertinencia, mas eu desejava exgotar todos os recursos para poder afoitamente pensar que não poderei colher o menor elemento no Archivo da Ilustre e Historica Familia de V. Ex.^a, sobre este assumpto. Pedindo os meus respetos para a Ex.^{ma} Senhora Duquesa, minha Senhora, sou com muita estima e consideração. — De V. Ex.^a At.^o Venr. e Obgd.^o — (a) *Afonso de Dornellas.*

Esta minha carta não encontrou em Lisboa o Sr. Duque por ter ido passar o verão para a Ilha da Malta donde regressou em Outubro respondendo-me nos seguintes termos :

Lisboa, 21 de Outubro de 1925. — Ex.^{mo} Senhor Affonso de Dornellas. — De regresso a Lisboa de donde estive afastado todo o



Folha em branco, que parece ser uma / das guardas de m.^s, está muito / denegrida e tem manchas de / tinta vermelha. — (mede 0,309 por 0,233)

verão, encontro a presada carta de V. Ex.^a de julho proximo passado, que já me não conseguiu encontrar, e de cujo contheudo só agora me é possível tomar conhecimento, assim como acusar recepção. Para não responder de animo leve procurei meu pae que se encontra fóra de Lisboa e formulei-lhe as duas perguntas contidas na carta de V. Ex.^a, ás quaes me respondeu: a) Que não tem nem nunca teve conhecimento de tradição tanto oral como escripta de que tivesse existido na antiga Bibliotheca do Palacio do Sacramento ou do Grillo o original dos Lusíadas, b) Que pode afirmar com toda a convicção e certeza de que não existe no Palacio do Grillo qualquer indice ou catalogo da Bibliotheca ou Archivo. Só me resta pedir a V. Ex.^a me julgue desobrigado de resposta tão tardia como involuntaria. Creia-me com a admiração de sempre. — De V. Ex.^a Mt.^o Att.^o (a) *Duque de Miranda do Corvo*.

Tem o maior valor estas informações, pois são dadas por quem trabalha e investiga, pois o Ex.^{mo} Sr. Duque de Lafões, dedica-se ao estudo biographico e historico dos seus ascendentes, reconstituindo-lhe minuciosamente a vida pelas cartas particulares e officiaes, pelos Tombo das propriedades, por tudo emfim que constitue o seu ainda precioso archivo que conhece profundamente.

Não devemos pois contar com qualquer elemento aqui colhido, mas sim procurar onde parará o Archivo que foi do 1.^o Conde da Taipa.



O NOTAVEL DOCUMENTO REFERENTE AO ORIGINAL DOS LUZIADAS

QUANDO a seguir ao apparecimento do notavel documento no Archivo do Ex.^{mo} Sr. Pedro de Carvalho Monteiro, fiz uma communicacão na Classe de Lettras da Academia das Sciencias de Lisboa em 23 de Junho de 1925 e depois quando sobre o original dos Lusíadas, fiz uma communicacão em 10 de Dezembro seguinte, não possuia copia do mesmo documento, tendo-o apenas lido muito rapidamente.

Por especial deferencia do Sr. Pedro de Carvalho Monteiro, meu illustre amigo e confrade na Associação dos Archeologos Portuguezes, possui hoje uma copia do celebre documento, com permissoão para o publicar.

E' um facto notavel para os estudos Camoneanos, de que muito me honro de ser o intermediario.

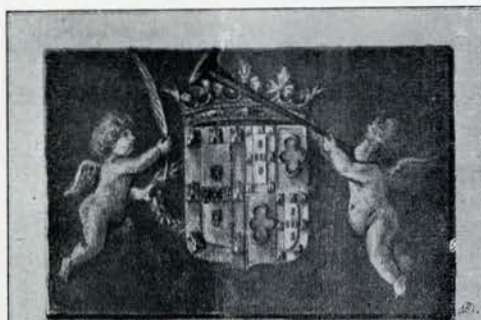
Lido e relido esse documento, melhor se pode comprehender o seu alto valor e melhor se podem deduzir as vantagens do seu apparecimento.

Com a publicacão do mesmò, ficam rectificadas e esclarecidos varios pontos das minhas communicacões acima citadas e ficam bases para novos estudos sobre o original dos Lusíadas.

O caderno que constitue este documentp, tem vinte e cinco paginas que medem 0,^m45 × 0,^m29.

Vejam os seu contheudo:

Ao | Illustrissimo e Excelentissimo | Senhor | Duque de Alafões | &.ª &.ª &.ª | O. De C. || L. R.



Ill.^{mo}. E.^{mo}. S.^r.
e Ex.^o. S.ⁿ.

Dignou-se em
*tempo Vossa Excel
lencia manifestar
me o desejo que*

tinha de obter uma copia do | resto do manuscrito, em que, | segundo parece certo, forão | pela vèz primeira, postas a | limpo as peregrinas obras | do Principe dos Poetas Por | tugueses Luis de Ca | mões, e tambem do retra | to do Poeta; igualmente | achado na mesma oc | casião, na livraria da || Excellentissima Casa | de Louriçal, por Jo | seph Coelho da Sil | va. Apesar dos an/nos, ainda sinto quanto | pôde o desejo de servir a | Vossa Excellencia, e | metendo mãos á obra | de copèar tanto a illu minura, como o retrato | cuidò tèt cumprido os dese | jos de Vossa Excel | lencia, a quem pedin | do perdão da offerta, | beijo respeitozo a il | lustre e bondozza mão, | á qual tanto devèm | as

letras e as artes, | e todos os que as bus | ção culti-
var. | Vale. ||

Do retrato, illuminura e cãpa de per | gaminho
achados na Livraria da Ex.^{ma} | Casa de Louriçal. |
Com a terrivel desgraça do terramo | to de 755, ficou
reduzido a um montão | de ruínas o magnifico e gran-
diozo pa | lacio dos Ex.^{mos} Condes da Ericeira, Mar |
quezes de Louriçal, junto da Annuncia | da, de que
uma das suas grandes frentes | deitava para a rua de-
nominada dos | Condes. O incendio que se lhe seguio |
destruiu tudo, ficando apenas cinzas, no | entanto al-
guns papeis se salvaram. | em 3 cazas que junto do
Archivo havia. | Esses papeis vieram, (com o que
põde | remover-se,) para a actual rezidencia | de
S. Ex.^{as}, em caixotes. Na caza des | tinada á Livraria,
n'um d'esses cai | xotes, encontrou Joseph Coelho da
Silva familiar da mesma Ex.^{ma} Caza o | seguinte:

Em um sacco de sêda | verde, um embrulho com o
seguinte | letreiro:

"Cãpa das obras de Luiz de | Camões, e o seu re-
trato verdadeiro tira | do por Fernando Gomes, pin-
tor. || Daquelle tempo, com reputação de gran | de me-
rito e talento. E o unico que ha, | e ainda falta o
teisto que se diz existir | em pôder de D. Gastão da
Camara | Coutinho, senhor das Ilhas Dezertas, (que |
"o tem por herança, em sua livraria.) Foi | o mesmo
teisto tirado d'esta cãpa para a | primeira impressão
que houve d'elle, em 15 | 72, ficou com elle, pelo
tempo do disbarate | da Caza Vimiozo, (que seguio
D. Antonio | Prior do Crato,) um ante-passado do
dito | D. Gastão. = Isto ouvi, e julgo provavel. | Tuão
isto me foi dado por Fr. João de N. | Senhora, que
morrêo de 80 annos, e foi compa | nheiro de con-
vento, do Conde de Vimiozo | no Convento d'Almada
"q.^{do} o dito Conde se | fêz frade; e dizia-lh'o dera
com muitos outros | mais papeis de sua caza., = Ar-
chivo | Caza n.º 3-A-187 ^{m.s.}

Nãda mais | tinha escrito, nem na caza tradição
oral | havia de tal thezouro. — Conserva-o o | Ex.^{mo}
actual Marquez, que deixou copi || ar este traslado,
por sêr elle para o Ex.^{mo} | Duque, o que a ninguem
concedia, como | era notorio, apezar das muitas e ins-
tantes | rogativas de muitos. = Estampas: | Estampa
1.^a Cãpa de pergaminho, que ser'vio á obra, e na qual
se acharam as 3 | folhas de papel seguintes. Nãda con-
tinha escripto o pergaminho, apenas uns | borrões na
cãpa, da parte interna, como | fidelissimamente vae
desenhado. | Estampa 2.^a Rosto ou frontespicio da |
obra, (illuminura) como fidelissimamente | vae pintada.
— Falta-lhe um canto inferior. | Estampa 3.^a Retrato
original do | Poeta Luis de Camões, pintado | a verme-
lho, tem a assignatura de | Fernando Gomes. Lisboa =
Fidelis^{ma} copia. | Estampa 4.^a, Uma folha em branco,
mui | to denegrída, e que parece sêr uma | das guardas
do manuscrito. ||

Nota unica | Sua Excellencia o Senhor Marquez |
de Louriçal, pede que d'este trasla | do se não deixe
tirar copia, para | o que muito rógaa Vossa Excellen-
cia assim o determine. | Fim. ||

Agora compreendo perfeitamente o que tão compli-
cado me pareceu quando fiz as communicações á Acade-
mia em 23 de Julho e 10 de Dezembro de 1925, po-
dendo-se agora estabelecer com muito mais segurança,
o caminho que seguiu o original dos Lusíadas até ao
seculo XIX.

Esteve o original dos Lusíadas em poder dos Con-
des de Vimioso até D. Francisco de Portugal, filho
primogenito do 2.º Conde, D. Affonso de Portugal e de
sua mulher D. Luiza de Gusmão.

D. Francisco acompanhou El-Rei D. Sebastião a
Alcacer-Kibir, onde ficou cativo sendo resgatado, se-
guindo depois o partido de D. Antonio Prior do Crato
de quem foi condestavel a quem fez aclamar Rei em
Santarem. Depois das inumeras aventuras e casos extra-
ordinarios por que passou e que bem conhecidos são
da historia desses tempos, morreu dos ferimentos rece-
bidos no mar dos Açores, no combate travado entre a
esquadra de D. Antonio, Prior do Crato e a do Caste-
lhano Marquez de Santa Cruz. O seu falecimento foi a
29 de Julho de 1583.

Em Portugal foi a sua casa confiscada, sendo a sua
mãe e os seus irmãos desterrados para Espanha e en-
carcerados no Castello de S. Torcaz, até 1583 em que
foi conhecida a sua morte, sendo então dada a liber-
dade a sua familia.

Seu irmão immediato, D. Luiz de Portugal, 4.º Conde
de Vimioso, que sofreu inumeras feridas na batalha de
Alcacer-Kibir, conseguiu que depois de larga contenda
lhe fossem restituídos a maioria dos seus bens.

D. Luiz tinha nascido em 1555 e casado em 1590 com
D. Joana de Mendonça, filha de D. Fernando de Cas-
tro, Conde de Basto, que lhe deu grande dote. Depois
de terem filhos e depois de garantida a fortuna dos
mesmos, dissolveram o casamento em 1607, fundaram
o Mosteiro do Sacramento em Lisboa, onde a Condessa
tomou o habito, indo o Conde professar no Convento
de S. Paulo de Almada.

A Condessa tomou o nome de Soror Joana do Ro-
sario e o Conde o de Fr. Domingos do Rosario.

Muitos annos viveu este frade em Almada, falecendo
no Convento de Evora com 82 annos de idade em 30
de Julho de 1637.

Assim fica portanto explicado o que o desenhador
escreveu no documento em questão, copiando os apor-
tamentos que estavam dentro do sacco verde da Casa
dos Marquezes de Louriçal.

O D. Gastão da Camara Coutinho, senhor das Ilhas
desertas a que tambem ha referencia nos referidos
apontamentos, é o que nasceu em 1662 e morreu em
1736 e foi Vedor das Casas das Rainhas D. Maria So-
phia e D. Marianna d'Austria.

O 4.º Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, foi como se sabe um grande erudito, ampliando extraordinariamente a sua bibliotheca que chegou a ser considerada uma nas melhores bibliothecas particulares do mundo.

Bastaria esta razão para não achar extranho que alli fossem encontrados o retrato de Luiz de Camões e todos aquelles elementos que se arrecadaram n'um sacco de seda verde.

*
* *
*

Quando na classe de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa, fiz as communicações sobre o retrato pintado por Fernão Gomes e sobre o original dos Lusíadas, respectivamente em 23 de Julho e em 10 de Dezembro de 1925, apenas, como já disse, muito rapidamente tinha lido o manuscrito em questão, não reparando então que entre os objectos encontrados dentro do celebre sacco verde, estavam os restos do original dos Lu-

ziadas acima reproduzidos, tendo o embrulho destes restos, um letreiro que foi feito no fim do seculo XVII, ou principios do seculo XVIII, pois é alli que se diz que na occasião em que o mesmo letreiro foi feito, existia o original dos Lusíadas em poder de D. Gastão da Camara Coutinho, que, como tambem já disse, nasceu em 1662 e morreu em 1736.

Emfim, quando fiz as citadas communicações na Academia, encontrei, como d'ellas se deprehende, algumas difficuldades chronologicas, que agora desaparecem por haver uma grande distancia entre o letreiro do sacco verde, escrito muito antes do terremoto e a descripção dos objectos encontrados dentro do mesmo sacco, feita muito depois do terremoto.

Podia eu agora ter feito um novo estudo baseado nos elementos colhidos depois da analyse directa e minuciosa do manuscrito, mas achei mais interessante, publicar as communicações referidas taes como as fiz na Academia e depois publicar o manuscrito com estas simples referencias.

A. D.

